



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Formação de Professores

Sérgio Santos de Castro

**Narrativas do bairro de Saracuruna para o ensino de História:  
um roteiro de investigação**

São Gonçalo  
2022

Sérgio Santos de Castro

**Narrativas do bairro de Saracuruna para o ensino de História: um roteiro de  
investigação**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Carina Martins Costa

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

C355  
TESE

Castro, Sérgio Santos de.  
Narrativas do bairro de Saracuruna para o ensino de  
História: um roteiro de investigação./ Sérgio Santos de Castro.  
– 2022.  
102f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Carina Martins Costa.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional –  
PROFHISTÓRIA) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Faculdade de Formação de Professores.

1. História – Teses. 2. História local. 3. Saracuruna, Rio (RJ).  
I. Costa, Carina Martins. II. Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 – 4924

CDU 981

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Sérgio Santos de Castro

**Narrativas do bairro de Saracuruna para o ensino de História: um roteiro de  
investigação**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em 24 de maio de 2022.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Carina Martins Costa (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Fábio Garcez de Carvalho

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Lana Mara Castro Siman

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Sônia Regina Miranda

São Gonçalo

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiro, agradeço a Deus por ter chegado até aqui, aos meus familiares, em especial, a minha mãe, que incentivou a minha caminhada, apesar de todos os percalços do caminho.

Deixo também um agradecimento aos professores da Uerj, que foram fundamentais nessa caminhada, em especial, a minha orientadora, Carina Martins, cujo trabalho que desenvolvi durante a graduação no estágio supervisionado, ainda na graduação no curso de História, foi uma fonte de inspiração para o presente trabalho e cuja orientação foi de suma importância para que ele fosse concluído.

A todos os professores e amigos do Pré-Vestibular Para Negros e Carentes e, claro, aos professores e colegas do curso do ProfHistória e aos integrantes da banca, Fábio Garcez de Carvalho, Sônia Regina de Miranda e Lana Mara Castro Siman, por terem aceitado prontamente esta tarefa.

À secretária do ProfHistória que sempre atendeu com competência e amabilidade todas as minhas solicitações e esclareceu as minhas dúvidas no tocante ao andamento do curso.

Ao Museu Vivo do São Bento, em especial, a professora Marlúcia, que me recebeu cordialmente e compartilhou materiais importantes para a construção da dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa oferecida aos professores da rede pública, o que viabilizou a minha participação e dedicação ao Profhistória.

## RESUMO

CASTRO, S.S. *Narrativas do bairro de Saracuruna para o ensino de História: um roteiro de investigação*. 2022. 102f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2022.

O presente trabalho, desenvolvido no âmbito do programa do Mestrado Profissional em Ensino de História é uma iniciativa de buscar por meio do estudo da História Local, em especial, por meio de elementos do Bairro Saracuruna, novas ferramentas para o ensino de História, voltadas para alunos do segundo segmento do ensino fundamental e médio. Assim, o objetivo desta dissertação é mostrar por meio da elaboração de um roteiro de pesquisa pedagógica, tendo como fonte, a história local, e a apropriação de determinados elementos presentes no bairro, tendo como base fontes iconográficas, documentos escritos e outros, a presença de diversas temporalidades. A ideia é a de que essas temporalidades venham a ser problematizadas pelos alunos em uma atividade que pode ser integrada ao currículo formal da disciplina de história, em um movimento de aproximação entre os professores e estudantes enquanto atores no processo de ensino e aprendizagem em uma ação de troca de experiências e produção de novas narrativas e de discursos de memória. Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Palavras-chave: Ensino de História. História Local. Produção Narrativa. Discursos de memória.

## ABSTRACT

CASTRO, S.S. *Narratives of the Neighborhood of Saracuruna for the teaching of History: a research script*. 2022. 102f. Dissertação (Mestrado Profissional na Rede Nacional PROFHISTÓRIA) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2022.

The present work, developed in the aim of the Professional Master's program in History Teaching is an initiative to seek through the study of Local History, especially, through elements of the Saracuruna Neighborhood, new tools for the teaching of History, aimed at students of the second segment of elementary and high school. Thus, the objective of this dissertation is to show through the elaboration of a pedagogical research script, based a local history, and the appropriation of certain elements present in the neighborhood, based on iconographic sources, written documents and others, the presence of various temporalities. The idea is that these temporalities will be problematized by students in an activity that can be integrated into the formal curriculum of the history discipline, in a movement of approximation between teachers and students as actors in the teaching and learning process in an action of exchange of experiences and production of new narratives and memory discourses. This work was carried out with the support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (CAPES) - Financing Code 001.

Keywords: History Teaching. Local History. Narrative Production. Memory speeches.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Fazendas fundadas durante a ocupação portuguesa no litoral da Baía do Rio de Janeiro.....	23
Figura 2 –	Jornal de 06/07/1962 com notícias sobre a violência em áreas de Saracuruna e outras áreas metropolitanas do Rio de Janeiro.....	29
Figura 3 –	Ruínas da antiga Fazenda de São Bento, no Museu Vivo de São Bento, Duque de Caxias, RJ.....	42
Figura 4 –	Sambaqui do Museu Vivo de São Bento em Duque de Caxias	54
Figura 5 –	Interior da cabine de sinalização mecânica da antiga Estação Ferroviária de Saracuruna.....	55
Figura 6 –	Mapa da Estrada de Ferro do Norte ou Leopoldina Railway com a sua expansão pelo Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais.....	67
Figura 7 –	Vagões de carga, pátio da Estação Ferroviária de Saracuruna.....	69
Figura 8 –	Foto da torre de sinalização mecânica.....	70
Figura 9 –	Antiga torre de sinalização ferroviária, sinaleira mecânica, no pátio da Estação Ferroviária de Saracuruna.....	71
Figura 10 –	Vagão antigo de passageiros no pátio da Estação Ferroviária de Saracuruna.....	72
Figura 11 –	Estação Ferroviária de Saracuruna.....	73
Figura 12 –	Trem de passageiros com destino ao ramal ou extensão de Guapimirim, partindo da Estação Ferroviária de Saracuruna.	75
Figura 13 –	Foto via satélite do centro do bairro de Saracuruna.....	78
Figura 14 –	Foto antiga da estação ferroviária de Saracuruna.....	78
Figura 15 –	Foto do alto da atual Estação Ferroviária de Saracuruna, onde podemos contemplar a Praça Vieira Neto e o centro do comércio da localidade.....	79
Figura 16 –	Ciep 228, Darcy Vargas.....	82
Figura 17 –	Foto antiga de parte do terreno que foi aterrado para a construção do Ciep Darcy Vargas na década de 1980, ao fundo a antiga Estação Ferroviária de Saracuruna.....	85
Figura 18 –	Capela de Nossa Senhora do Rosário.....	87
Figura 19 –	Foto da construção da atual capela.....	89

Figura 20 –	Capela de Nossa Senhora do Rosário, em 2002.....	89
Figura 21 –	Altar de Nossa Senhora do Rosário, em 2002.....	89
Figura 22 –	Registro de compra de terreno.....	91
Figura 23 –	A biografia de Jayme Fichman.....	93

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	10
1	<b>AS VARIADAS NARRATIVAS DE DUQUE DE CAXIAS NO TEMPO PRESENTE E NO PASSADO .....</b>	22
1.1	<b>As narrativas diversas de Saracuruna e a cidade de Duque de Caxias e a sua problematização .....</b>	22
1.2	<b>A produção das narrativas, os lugares de memória e a questão do ensino da história local .....</b>	31
2	<b>A HISTÓRIA LOCAL E A SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DA HISTÓRIA .....</b>	45
2.1	<b>Entendimento da história local no campo historiográfico.....</b>	45
2.2	<b>As memórias e a sua relevância para o desenvolvimento de uma consciência histórica tendo como fonte o ensino da História local</b>	51
3	<b>ROTEIRO DE ATIVIDADES A SEREM APLICADAS.....</b>	63
3.1	<b>Atividades investigativas no bairro de Saracuruna .....</b>	64
3.2	<b>Investigação da paisagem urbana .....</b>	64
3.3	<b>Dossiê da Estação Ferroviária de Saracuruna .....</b>	67
3.4	<b>A questão da expansão da Rede de Ensino Básico em Saracuruna..</b>	81
3.5	<b>As transformações no espaço urbano de Saracuruna .....</b>	84
3.6	<b>A Religiosidade como elemento no processo de ocupação do bairro e a sua presença no imaginário da comunidade.....</b>	87
3.7	<b>O processo de ocupação do bairro de Saracuruna por meio da análise de documentos e outras fontes.....</b>	91

	<b>CONCLUSÕES</b> .....	96
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	99

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação envolve uma proposta de atividade pedagógica voltada para os alunos do ensino fundamental, em especial, os estudantes do nono ano do ensino fundamental.

O objetivo é construir um roteiro histórico de investigação envolvendo a história local, o que se relaciona com uma necessidade ou uma inquietação que possuo, que é a de conferir a relevância do espaço local para o ensino, na medida em que ele pode representar um instrumento para os estudantes.

Através do ensino da História Local, a proposta é a de que os estudantes adquiram a consciência sobre as continuidades e as mudanças temporais, através de experiências que eles carregam, identificando os possíveis movimentos em que o ensino da História Local possa ser integrado ao currículo presente nos anos iniciais do ensino fundamental e os anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

As inquietações que possuo em relação ao ensino de História têm como origem, questões referentes a minha trajetória como morador e estudante na educação básica e depois como professor das redes públicas de ensino. Estes são dados importantes de serem lembradas nesse texto e servem como justificativa desse processo de pesquisa.

No ensino fundamental, fui aluno bolsista da Associação Cultural e Educacional Pedro Ernesto (Acepe) e, depois, estudante de ensino médio na mesma instituição, que minha mãe pagou (parcialmente, pois havia desconto) durante a maior parte do curso, em um momento em que a carência de vagas na rede pública de ensino era um problema relevante no bairro.

Não havia vagas suficientes para todos no ensino básico. A solução para muitas famílias era a busca de bolsas oferecidas por políticos, em um movimento de clientelismo político ao qual a população estava submetida.

No ensino médio, após uma experiência em um colégio público na Penha, onde não tive uma boa adaptação (as crises da adolescência), voltei ao Acepe, onde com o apoio da minha mãe, encerrei o ensino médio no curso técnico de contabilidade (profissão que não cheguei a exercer).

Depois disso, a prioridade foi buscar um emprego estável, pois não havia naquele momento em meu horizonte a perspectiva de fazer um curso universitário,

especialmente dentro da perspectiva da grande maioria dos moradores da Baixada Fluminense, cuja realidade não contemplava o acesso ao curso superior, assunto em que pretendo me debruçar mais adiante.

Com a ajuda do meu pai, consegui um emprego em uma loja atacadista no centro da cidade do Rio de Janeiro, onde atuei como auxiliar de serviços gerais e auxiliar de balcão. Foi uma rotina difícil em que dependia de um transporte público caro, no caso o ônibus -ou o trem, que já sofria com um processo de precarização de seus serviços com objetivo de uma futura concessão da sua operação, a iniciativa privada, que vai ser alvo de um estudo aprofundado na construção da dissertação.

Nesse tempo (década de 1990), estava submetido da mesma forma que outros milhões de trabalhadores da Baixada Fluminense a rotina de trabalhar e dormir. Nessa lógica, temos a maioria dos empregos e de serviços públicos concentrados na cidade do Rio de Janeiro, em que os moradores precisavam se deslocar para a “cidade” para garantir o seu sustento e onde o acesso aos bens culturais se localizam de forma predominante.

Após sair do emprego da loja, trabalhei durante um breve período como pesquisador do IBGE e depois fui aprovado no concurso dos Correios.

Nesse tempo, que durou pouco mais de seis anos, trabalhei em Duque de Caxias e em Belford Roxo, onde experimentei um contato ainda mais forte com a precariedade das condições de vida dos moradores dessas localidades, com a carência absoluta de saneamento básico, transportes públicos e falta de acesso a bens culturais.

Foi durante esse período que conheci o PVNC (Pré-Vestibular para Negros e Carentes) do núcleo Castro Alves. Este projeto, que funcionou em escolas públicas no bairro de Saracuruna, despertou a minha vontade de retomar os estudos e entrar na Universidade.

Dentro do PVNC, atuei como aluno e depois como professor, coordenador e conselheiro, visitando outros polos localizados em diversos locais da Baixada Fluminense e em comunidades do Rio de Janeiro, como o Morro dos Macacos, na qual travei contato com diversas experiências de pessoas que compartilhavam da mesma dificuldade de acesso ao ensino público

O trabalho voluntário exercido por professores formados e graduandos, dentre os quais me incluo, facilitou o acesso de um número incontável de pessoas da Baixada Fluminense e de outras regiões periféricas do Rio de Janeiro a Universidade,

ajudando a construir um discurso de oposição às narrativas que afirmavam que o acesso da população pobre às Universidades Públicas era algo quase impossível, possibilitando um novo arsenal de possibilidades a grupos sociais anteriormente marginalizados ou eclipsados, Pollak (1989).

A narrativa não somente da possibilidade, mas também da necessidade de acesso das camadas populares ao ensino superior construída por instituições como o Pré-Vestibular para Negros e Carentes, pelo Educafro e por outros vestibulares comunitários, acabou servindo para motivar o governo do Estado a criar o Pré-Vestibular Social (PVS), que ampliou a oferta de vagas para os jovens carentes do Estado em cursos preparatórios para acesso ao ensino superior.

Podemos entender que temos no projeto do PVNC e em outros cursos comunitários destinados a facilitar o acesso de camadas até então marginalizadas ao ensino superior, a relevância da construção de um discurso de memória, que influencia os entes governamentais na promoção de políticas públicas para o conjunto da população. Vimos um exemplo similar no caso do Museu da Maré, onde políticas públicas voltadas à promoção de acesso à cultura da população local tiveram como ponto de partida aquele espaço. Vieira (2006).

No processo de dupla ou tripla função dentro do Pré-Vestibular para Negros e Carentes, fracassei na primeira tentativa de ingressar na universidade no vestibular de 1999; mas na segunda tentativa entrei no curso de Filosofia, que comecei a cursar em 2001.

Foi extremamente difícil conciliar o meu trabalho nos Correios, em Belford Roxo, e o curso à noite, de Filosofia, na UERJ. A relação de conciliar trabalho e estudo, os custos de passagens e a distância entre a moradia e o local de estudo – ainda que a UERJ seja um local de acesso relativamente fácil - representam barreiras enfrentadas por muitos moradores da Baixada Fluminense que desejam seguir os seus estudos, provocando muitas desistências pelo caminho.

Em 2003, insatisfações com o trabalho, e a decisão de apostar tudo na conclusão do curso de Filosofia, levaram-me a decisão de sair dos Correios.

Passei dois anos desempregado, me dedicando à conclusão do curso e à coordenação do curso do PVNC, do qual havia sido aluno. Voltei ao IBGE em 2005, em um contrato temporário que foi até 2007, e encerrei o curso de Filosofia em 2006.

Durante o curso de Filosofia, encaminhei seu direcionamento, em particular na reta final, para fazer disciplinas eletivas relacionadas ao curso de História, que tinha a

intenção de cursar posteriormente. O ano de 2007 é particularmente marcante, pois foi nele em que fui aprovado no concurso público da Rede Estadual de Ensino e porque fui aprovado no reingresso do curso de História na UERJ.

Em 2008, dei início a uma dupla trajetória, ou seja, aluno durante a manhã no curso de História e professor de Filosofia à noite. A partir disso, comecei a construir a minha identidade docente como professor de Filosofia, ao mesmo tempo em que construía a minha trajetória no curso de História.

Estudando durante o dia e trabalhando à noite com turmas de estudantes do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos (Eja), verifiquei as dificuldades de alunos que apresentavam defasagens no ensino, por anos sem estudar determinados conteúdos, e que tinham dificuldades para aprender as matérias, em particular, uma disciplina considerada desconhecida para a maioria deles, a Filosofia, em que muitos tinham objeções de encontrar identidade ou sentido para o que estava sendo ensinado ou se pretendia ensinar.

Essa é uma questão que permeia o meu trabalho como professor desde então. Como atribuir sentido ao que é estudado pelo aluno em sala de aula? Como construir uma narrativa que garanta uma aproximação com os estudantes? Que ferramentas posso utilizar para isso? No início foi com a Filosofia, uma disciplina na qual o estranhamento de muitos estudantes era forte, pelo fato de que, naquele momento (2008), ela tinha acabado de ser reinserida no ensino médio, mas também se tornou uma inquietação em outras disciplinas que leciono, como Sociologia e, em particular, a História.

Durante o curso de História trabalhei com disciplinas e professores que aprofundaram esses questionamentos e inquietações, em particular, com o estudo sobre questões ligadas ao patrimônio durante o estágio supervisionado, como a questão das práticas museais e de valorização da História Local, na qual a experiência do Museu da Maré representou algo marcante, pois em diversos aspectos ela guarda similaridades com a minha trajetória enquanto morador da Baixada Fluminense.

As aulas ministradas e a produção de textos e trabalhos referentes ao Museu da Maré instigaram-me a pensar sobre questões ligadas aos chamados pontos ou locais de memória, que também podem existir na Baixada Fluminense, dentre eles, a experiência do Museu Vivo do São Bento.

Nessa trajetória de inquietações ocorreu um episódio que considero como relevante em minha decisão de levar adiante a criação de um projeto de roteiro

histórico de valorização da História Local, em um contexto de aprofundamento de outros projetos que já desenvolvo na disciplina de História e nas demais que leciono, em um movimento interdisciplinar de aproximação dos alunos com o vivido.

Acompanhando como estagiário uma aula de História no Colégio de Aplicação da Uerj, uma aluna do oitavo ano fez a seguinte pergunta ao professor: “Por que devo aprender História?” E em seguida, disse: “Não gosto de História.”

Não recordo exatamente o que o professor respondeu, talvez, admito, por ter ficado surpreso e irritado com a ousadia da aluna. Entretanto, anos depois, já como professor do Ciep 318 Paulo Mendes Campos, vinculado à rede municipal de ensino de Duque de Caxias, no qual trabalho desde 2016, topei com um questionamento similar feito por um aluno do nono ano. “Para que estudar História?”

Lembro que respondi que o significado, ou melhor, a relevância de se estudar História seria para que eles compreendessem o processo de formação de determinados valores em nossa sociedade e os questionassem, mas tenho dúvidas se a minha resposta o convenceu e se o que é trabalhado através do currículo de História e de outras disciplinas cumpre essa e outras finalidades.

O importante é o que percebo agora, lembrando esses diálogos e as percepções citadas anteriormente, a identificação de uma distância entre professores e alunos que precisa ser transposta em um processo de negociação entre sujeitos. Monteiro (2015).

Dessas experiências posso extrair uma outra questão importante, como seria o processo de construção de identidade do aluno com o que estaria sendo ensinado?

Nesse ínterim, podemos entender em nossa prática pedagógica que a qualidade da narrativa ou discurso que desenvolvemos é que pode despertar interesse e tensão ao conhecimento e sentimentos do passado (MATOZZI, 2005).

Porém, esse despertar de interesse por parte do público estudantil requer a capacidade de possuímos a arte do discurso, ou seja, o saber falar sobre o passado histórico (Mattozzi, 2005, p. 34)

Na tentativa de construção de um novo discurso voltado para o ensino de História e outras disciplinas, tenho pautado em diversas ocasiões a tentativa de integrar a visitação de espaços culturais, museus e atividades de percurso na cidade do Rio de Janeiro, Niterói e Duque de Caxias ao planejamento de minhas aulas, em um movimento em que busco integrar professores de outras disciplinas, dentre elas, Geografia, Língua Portuguesa, Sociologia, Filosofia.

Porém, nem sempre obtenho sucesso, pois alguns professores ainda são resistentes à ideia, talvez pelo não entendimento da potência dessa ação para o ensino de História e de outras disciplinas.

Entendo que o estabelecimento de um roteiro de investigação sobre a localidade, com busca de vestígios, que possam ser utilizados pelos estudantes para fazer um levantamento da história do bairro, um local com o qual eles dialogam afetivamente e que guarda uma proximidade geográfica, pode representar uma potente ferramenta de ampliação das experiências educativas, permitindo que eles se compreendam como parte ativa da cidade em que vivem e que podem ser sujeitos da construção de sua própria história.

Esse movimento tem como meta, a atribuição de sentido para o ensino de História e o entendimento de que uma das finalidades centrais do seu ensino é mostrar o mundo que nos envolve e que somos frutos da experiência humana do tempo. Poderíamos buscar formas variadas de abordar essa temática.

Desde nossa infância, ouvimos relatos que buscam explicar os motivos ou razões do mundo ser o que é ou de sermos o que somos. Tais explicações variam de acordo com o contexto familiar e social onde estamos inseridos - como a questão da religiosidade professada por determinados grupos sociais -, com as tradições culturais, dentre outras. Mas sempre a humanidade carrega a curiosidade na busca da compreensão do mundo e da nossa existência.

Tal busca foi o motor da religiosidade dos povos antigos e do surgimento da Filosofia na Grécia Antiga, com a ideia da busca do elemento primário ou substância primária para o entendimento da origem das coisas existentes no mundo. Depois, tivemos o desdobramento dessa busca em questões relacionadas ao ser humano e sua condição no mundo, o que deu origem a outros campos de conhecimento incluindo o estudo da História.

Nesse processo sempre perene de busca ou sede humana pelo conhecimento é preciso que entendamos que todos nós, professores e alunos, como sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, carregamos para o espaço escolar um cabedal de experiências obtidas nessa teia de relações sociais estabelecidas em outros espaços.

Tais experiências podem facilitar ou dificultar a relação em torno do conhecimento, e tal situação exige o estabelecimento de mecanismos de negociação entre os sujeitos presentes no movimento de ensino e aprendizagem, (MONTEIRO,

2011). Para isso é necessária a busca do conhecimento desse ambiente, que podem possuir convergências e divergências, para que as teorias não se percam em um mundo diferente do real.

As tradições culturais, são um poderoso elemento da definição dos comportamentos das pessoas e de suas expectativas e lhes conferem um sentimento de pertencimento com base na relevância da bagagem cultural que todos nós carregamos, surgem alguns questionamentos sobre o nosso ofício como professores e, em particular, como historiadores.

O que faz o historiador, senão buscar no passado as respostas para as indagações acerca de seu presente? O que nos motiva como professores de História a planejar aulas, criar estratégias e elaborar narrativas que visam forjar um modelo explicativo que também podem ser um instrumento construído de identidades?

A intencionalidade presente no ensino de História tem diante de si, alunos inseridos em uma sociedade mergulhada em um paradoxo, ou seja, que ao mesmo tempo em que se afasta da historicidade a busca desesperadamente, (COSTA, 2016).

A velocidade das transformações da nossa contemporaneidade perdeu as raízes embrenhadas no passado, mas sente a sua falta e busca essas referências para sua constituição identitária, (COSTA, 2016).

Relembrando o diálogo que tive com um aluno sobre o sentido do ensino de História, onde constatei uma rejeição por parte de alguns estudantes à disciplina, cabe fazer algumas reflexões e acima de tudo questionamentos. Qual seria o sentido do seu ensino para os estudantes?

Os estudantes são integrantes de uma sociedade localizada historicamente, e que possuem uma autorreferenciação identitária, composta por memórias coletivas, (COSTA, 2016). Dessa forma, ele é parte de uma sociedade que produz e divulga interpretações de sua própria história, em um jogo de interesses e disputas pela memória e pela história. Tais interpretações, divulgadas em fontes diversas, são apropriadas pelas pessoas e servem de instrumentos para que elas forjem suas representações do passado.

Os indivíduos aprendem história desde que nascem. Em nossas relações com o mundo podemos discernir elementos que compõem a relação com o tempo, (COSTA, 2016). Por isso, o ensino de História realizado no espaço escolar é mais um instrumento de acesso por parte dos estudantes ao conhecimento histórico. Outras fontes, como televisão, rádio e mais recentemente a internet, além das experiências

vividas por eles no decorrer do tempo, são potentes ferramentas da construção ou formação identitária dos estudantes.

Esse aprendizado histórico realizado fora do espaço escolar pode servir como uma alternativa para a prática pedagógica dos professores. Nesse ínterim, o professor pode utilizar o ensino fora do espaço escolar como uma ferramenta a mais, na tentativa de fazer a ponte e ligação entre a bagagem ou conhecimento histórico prévio dos estudantes e o conhecimento histórico produzido no ambiente acadêmico e escolar.

Os professores, usando tais ferramentas, terão condições de fazer o movimento de mediação, o que pode permitir ao aluno uma leitura ampla, relacional e sistematizada, que sua cultura histórica teria por suporte.

A abordagem do Local, como estratégia de ensino representa um importante instrumento, pois ela possui como potência, a capacidade de promover uma aproximação com o cotidiano dos estudantes, em uma tentativa de aproximação entre professor e aluno como sujeitos ativos no processo de aprendizagem.

A vivência cotidiana do aluno, com seus contatos pessoais com familiares, amigos e a interação com a mídia o leva a formular conceitos espontâneos que carecem de formas de explicitação a ser construídas no processo de aprendizagem formal.

Nesse processo, os mesmos instrumentos que levam a construção dos conceitos espontâneos podem ser retomados para a caminhada em direção à construção dos conceitos científicos. (ABUD, 2005, p. 312).

Ao explorar o ensino do espaço local, como ferramenta para o ensino de História, levando em consideração a cultura histórica que os estudantes possuem e se aproximando do cotidiano vivido por eles.

Os professores podem usar o ensino da História Local e mediando a apropriação de elementos ou vestígios do passado feito pelos estudantes como ferramentas para que eles compreendam o tempo presente e que possam se entender como sujeitos históricos.

Porém, cabem alguns questionamentos, é simples a adoção de estratégias diversas, incluindo o ensino de História Local como ferramenta para a construção de uma consciência histórica elaborada e refletida? Qual o papel da escola nesse processo?

O ensino da disciplina de História dentro da escola é organizado de acordo com as regras, estratégias e procedimentos desta mesma escola.

É a cultura escolar, que pode ser definida como o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, normatizados, rotinizados, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas e da cultura da escola, sendo essa última a forma específica de realização da cultura escolar no interior da própria escola, (FORQUIN, 1993).

A cultura da escola procura se adaptar ao ritmo das transformações das demandas sociais, porém alguns setores da sociedade entendem que as mudanças podem levar ao enfraquecimento da instituição.

Temos, então, o paradoxo no qual a escola enfrenta o conflito de tentar se modernizar, buscar novos métodos e objetivos, mas enfrenta a oposição da sociedade e de membros da comunidade escolar apegados a uma tradição escolar que não poderia ser alterada.

Práticas pedagógicas, voltadas à memorização ainda são dominantes e reproduzidas de forma automática pelos professores, apesar de haver diversas propostas para tentar romper ou minimizar tais práticas.

Os próprios responsáveis pelos estudantes cobram a presença de um conteúdo a ser repassado aos estudantes, julgando o trabalho dos professores pela reprodução de uma metodologia de ensino a qual eles estavam acostumados no tempo em que eram alunos.

Com isso, o relativo fracasso de tais medidas e práticas pedagógicas nos dias de hoje, leva a uma culpabilização do professor e da escola pelos problemas que enfrentamos na questão de comportamento e de aprendizado dos estudantes.

Existe uma nostalgia por parte de alguns que afirmam que no passado a escola era “melhor”. Porém, tal nostalgia não leva em consideração as mudanças na sociedade, as mudanças dos alunos, e o fato de que a escola possui uma estrutura que possui dificuldades em acompanhar o ritmo de tais transformações.

A estrutura do sistema de ensino, reproduzida por meio de normas e currículos impostos de cima para baixo, engessam o trabalho dos professores, que acabam se adaptando e se acomodando a uma reprodução de conteúdo definido a priori nos livros didáticos, sendo os mesmos usados como referência principal nas atividades desenvolvidas no espaço escolar.

O ensino de História é afetado por tais questões, com os alunos estabelecendo um juízo de que o estudo da disciplina seria apenas para “relembrar” acontecimentos do passado, ou apenas um conjunto de acontecimentos a serem memorizados.

Tal percepção pode vir a tornar a disciplina como algo enfadonho para os estudantes como percebi no diálogo com um aluno do sétimo ano do Ciep, que reproduziu essa ideia com uma pergunta: “Estudar História é para lembrar de quem já morreu?”.

Com base nessa experiência e em outras enfrentadas no espaço escolar, podemos tentar desconstruir o olhar dos estudantes que limita a percepção que eles possuem sobre o ensino de História.

Podemos chegar à conclusão de que se fizermos a pergunta dos motivos de se ensinar e aprender História nas escolas e colégios do ensino fundamental e médio poderemos encontrar respostas imediatas do tipo “Conhecer o nosso passado” ou, tentando o aprofundamento das respostas, podemos ouvir, “para sabermos o que já aconteceu”.

Tais respostas refletem o pensamento comum do que é estudar história, onde teríamos o desfile de uma sequência de eventos presentes nos livros didáticos e a prática de que o aluno deve memorizar esses fatos para obter boas notas nas avaliações.

Devemos refletir, porém, sobre a relação entre a expectativa dos alunos sobre o ensino da História - que ainda é presa apenas as características citadas acima - e a prática docente e a busca de alternativas para que o ensino de História possua a capacidade de forjar um aprendizado relevante, dando aos alunos ferramentas para compreenderem o mundo e sua própria inserção nele.

Sobre a visão dos professores, ainda é lugar comum a ideia do ensino de História, como “mestra da vida”, sendo capaz de mostrar aos estudantes exemplos a serem seguidos ou não. Podemos citar como um exemplo simples a questão do Holocausto, na Segunda Guerra Mundial. Tal visão é resultado da forma como os currículos são organizados e da própria prática docente, onde a finalidade é o repasse da produção historiográfica que aprendemos nos círculos acadêmicos.

Nesse sentido, cabe problematizar as questões das fontes históricas. Segundo SHIMDIT e CAINELLI, (2004) podemos entender as fontes históricas como “fragmentos ou indícios de situações já vividas, passíveis de serem exploradas pelo historiador”.

As autoras afirmam que a valorização do documento como um recurso imprescindível para o historiador foi um fenômeno do século XIX”, sendo que o trabalho do historiador seria extrair informações do documento, mas não acrescentar nada, com o objetivo de “mostrar os acontecimentos tal como tinham sucedido”.

Essa forma de fazer história contaminou o ensino de história tradicional e positivista, com o objetivo de explicar a “genealogia da nação”, sendo o documento histórico uma fonte irrefutável da verdade e realidade passada. O aluno apenas recebia o que os historiadores tinham analisado e determinado como verdade histórica. (2004, p. 90-91)

De acordo com a perspectiva citada acima, temos a permanência de uma concepção de ensino de História pautada na memorização de fatos, contados em uma perspectiva linear que pouco contribui para o aprendizado dos estudantes e que gera um sentimento de distanciamento deles com a disciplina de História, pois eles não guardam interação com o seu ensino.

A busca de elementos ou vestígios do bairro de Saracuruna representa uma estratégia a ser aplicada para o ensino de História e outras disciplinas nas escolas de educação básica em que atuo, na busca dessa interação dos estudantes com o ensino de História, rompendo com a ideia de fatos “pendurados em um varal”, prontos para serem memorizados e não em um movimento em que eles devem ter a autonomia de interagir com variadas fontes, buscando estabelecer, por si mesmos, reflexões sobre eles.

A partir da ideia do uso do local como ferramenta para o ensino de História para a construção de habilidades e competências por parte dos estudantes, a busca de fontes centrada no cotidiano representa uma potente ferramenta. “Partir do cotidiano dos alunos e do professor significa trabalhar conteúdos que dizem respeito a sua vida pública e privada, individual e coletiva” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 53)

A análise crítica de fotos, documentos, objetos e de outras fontes que estão próximas aos estudantes representam ferramentas para desenvolver competências e conhecimentos que podem construir o conhecimento histórico-escolar.

Com isso, a meta é de, após fazer o levantamento teórico a respeito da potencialidade do ensino da História Local e das narrativas que podem ser desenvolvidas a partir do uso dessa ferramenta, debater as viabilidades de utilização dos espaços de memória do bairro de Saracuruna e arredores, através de visitas de professores a esses locais.

A tentativa é a de atribuir sentido ao estudo de História feito nas escolas, em um movimento em que o espaço de “fora”, seja incluído ao que se é ensinado no espaço escolar, em uma ação em que ambos se completam.

Pretendo desenvolver um modelo de planejamento docente que consiste na estruturação de atividades que possam ser desenvolvidas na disciplina História e que se relacione a História Local.

É também possível englobar a participação de docentes de outras disciplinas nesta proposta, contemplando um trabalho ou mesmo um projeto compartilhado e de integração disciplinar e docente e que pretendemos desenvolver na sequência da dissertação.

No primeiro capítulo, o foco será a abordagem das narrativas variadas construídas sobre a cidade de Duque de Caxias, a partir de fontes diversas, iniciando por dados do tempo presente da localidade, em particular de Saracuruna.

O segundo capítulo tem como elementos centrais, uma análise sobre a História Local no campo historiográfico e a verificação de sua potência para o ensino de História e a questão da memória como uma ferramenta do desenvolvimento de novas narrativas e para o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes por intermédio do roteiro pedagógico de investigação.

O terceiro e último capítulo tem como foco, a elaboração das variadas propostas de investigação a serem aplicadas tendo como fonte, vestígios escolhidos por mim e pelos estudantes com fichas de atividades a serem problematizadas e desenvolvidas pelos estudantes com a mediação dos professores.

## **1 AS VARIADAS NARRATIVAS DE DUQUE DE CAXIAS NO TEMPO PRESENTE E NO PASSADO**

### **1.1 As narrativas diversas sobre Saracuruna e a cidade de Duque de Caxias e a sua problematização**

Começamos pela coleta de dados referentes aos elementos do tempo presente, ou melhor, recente, do Município de Duque de Caxias em algumas áreas, dentre elas, educação e saúde.

Temos na cidade de Duque de Caxias, cento e setenta e seis escolas municipais, noventa estaduais, cento e setenta e nove privadas e duas federais.<sup>1</sup>

Os dados acima não representavam a realidade durante a minha infância e adolescência em que não havia no município de Duque de Caxias, em particular no bairro de Saracuruna, uma ampla rede de escolas públicas com a oferta do ensino médio, como ressaltai anteriormente.

Essa realidade foi enfrentada por muitos jovens da localidade até o final da década de 1980 e início da década de 1990, quando a expansão da rede estadual do ensino, via construção dos Cieps, levou mais oferta de escolas com ensino médio ao bairro de Saracuruna.

Na área da saúde, Duque de Caxias possui, segundo dados coletados no site do IBGE, uma taxa de 16,4 óbitos por mil nascidos vivos (2019), internações por diarreia de 0,3 internações por mil habitantes (2016) e estabelecimentos de saúde (SUS) na quantidade de 82 estabelecimentos (2009).<sup>2</sup>

Nesse campo, guardo em minhas memórias de morador do bairro as diversas ruas com esgoto a céu aberto e a carência de serviços públicos, com a existência de apenas um pequeno posto de saúde, que se limitava a fazer consultas sem qualquer recurso para internações e exames complementares.

Isso representa um contraponto aos dias atuais, onde o bairro conta com uma Unidade de Pronto Atendimento Hospitalar (UPH), com vários especialistas para consultas ambulatoriais, emergência, exames e internação para casos de baixa e média complexidade.

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.escolas.inf.br/rj/duque-de-caxias>, acessado em 29/05/2022.

<sup>2</sup> Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/duque-de-caxias.html>, acessado em 08/08/2021.

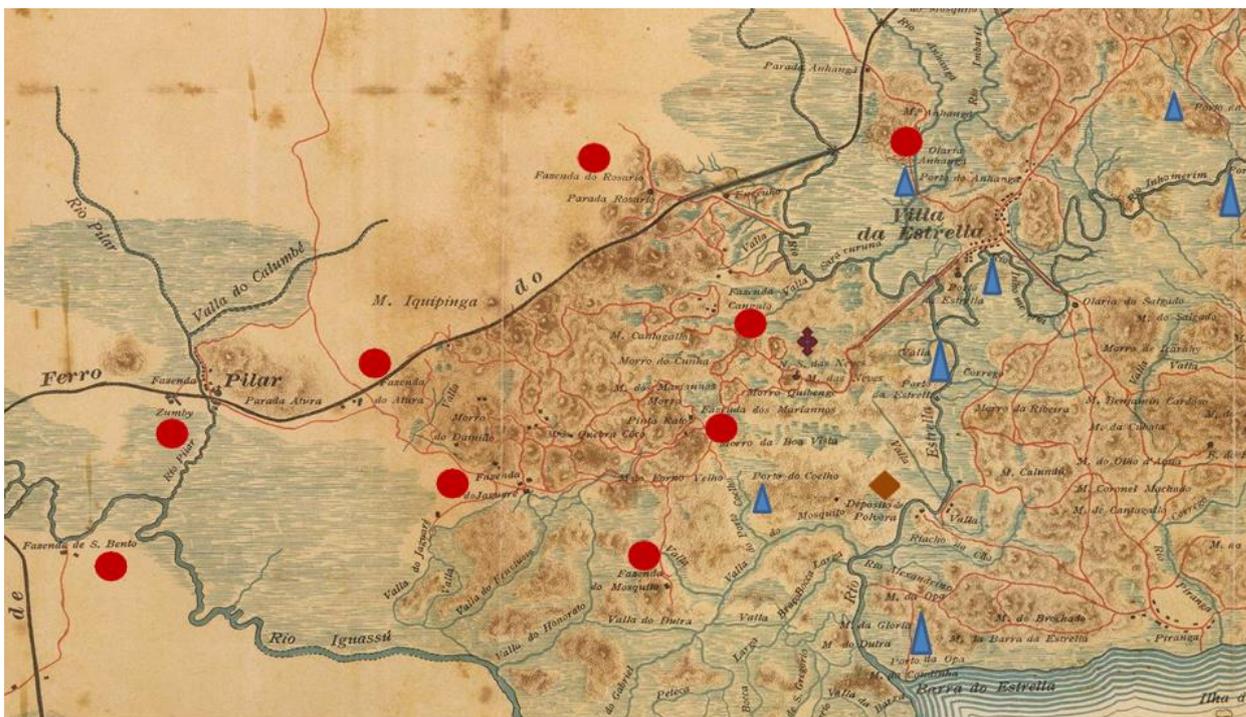
Tais dados estatísticos e o meu próprio relato colocam luz sob os avanços ocorridos com relação à saúde no bairro. Uma mudança que podemos entender como significativa para uma região que ainda possui carências em relação à cidade do Rio de Janeiro.

Através dos dados citados e do testemunho acima, podemos trabalhar em uma perspectiva educacional, em particular no ensino de História, com variadas fontes e documentos que ilustrem as transformações sofridas pelo espaço local, estabelecendo comparações entre o que ainda permanece e o que se alterou, fazendo com que os alunos percebam o que chamamos de camadas temporais presentes no bairro de Saracuruna.

Por fim, utilizando as camadas temporais a serem identificadas, podemos trabalhar através das referências ou fontes encontradas, o chamado jogo de escalas, onde poderemos buscar a condição da cidade de Duque de Caxias e do bairro de Saracuruna atualmente, tendo como referência os elementos do passado, selecionados a partir das demandas do tempo presente.

Como instrumento de construção, junto aos estudantes, de um novo olhar sobre a cidade de Duque de Caxias e o bairro de Saracuruna, podemos nos apropriar das narrativas construídas sobre a ocupação portuguesa da região, com a finalidade de expulsar os franceses da Baía da Guanabara, onde a Baixada Fluminense teve estabelecida uma função econômica que entendo como periférica em relação ao Rio de Janeiro e que pode ser ilustrada no mapa abaixo.

Figura 1 – Fazendas fundadas durante a ocupação portuguesa no litoral da Baía do Rio de Janeiro



Fonte: Comissão de Saneamento da Baixada – Estado do Rio de Janeiro. Planta Geral do Litoral da Baía do Rio de Janeiro – 1896. Marcelino Rocha da Silva. Engenheiro Chefe. Acervo Biblioteca Nacional. Material cedido pelo Museu Vivo do São Bento.

Os pontos em vermelhos no mapa mostram as diversas fazendas fundadas durante a ocupação portuguesa na região da Baixada Fluminense, inclusive a Fazenda do Rosário, que deu origem ao bairro de Saracuruna. Os triângulos azuis mostram os pequenos portos fluviais que eram pontos de embarque e desembarque de mercadorias e que entraram em decadência com a construção das ferrovias, como por exemplo a Estrada de Ferro do Norte, também assinalada no mapa com as suas diversas paradas. A Parada Rosário, viria a se transformar na atual estação de Saracuruna.

A presença de tais fazendas vistas acima demonstra que, nos primeiros séculos de ocupação portuguesa, o chamado “Recôncavo da Guanabara” se especializou no fornecimento de produtos agrícolas, destinados ao abastecimento da cidade do Rio de Janeiro, sendo a Fazenda do Aguassu ou Fazenda de São Bento, também assinalada no mapa acima, um importante centro de produção de açúcar e outros alimentos destinados a essa finalidade, em que a atuação dos monges beneditinos foi de grande importância, com o uso da mão de obra escravizada.

A descoberta de ouro na região de Minas Gerais transformou a região portuária do Rio de Janeiro no principal centro econômico e político da América Portuguesa e

transformou a região da Baixada Fluminense em um ponto de passagem do ouro e de outras mercadorias transportadas entre a região da Capitania de Minas Gerais e o Rio de Janeiro (SOUZA, 2002).

Segundo a mesma autora, tivemos a transformação da região da Baixada Fluminense, situada no caminho entre Rio de Janeiro e Minas Gerais, em ponto de passagem de mercadorias, do ouro e outros metais preciosos, com os pequenos rios da região se tornando pequenos portos fluviais de embarque e desembarque de mercadorias, que iam e vinham do porto do Rio de Janeiro via Baía da Guanabara, no que é chamado pelos historiadores de “caminhos do ouro”.

No entorno dos portos fluviais dos rios Iguassú, Estrela, Pilar e outros floresceram as vilas construídas em torno das Paróquias, dentre as quais a de Nossa Senhora do Pilar de Aguassu. A primeira capela remonta ao século XVII. A matriz atual é a segunda capela cujo prédio é datado de 1717, em uma obra que teve início ainda no final do século anterior. A Igreja é um patrimônio tombado pelo IPHAN e hoje necessita de reformas urgentes.

Foram criadas as capelas filiais de Santa Rita de Cássia (Xerém) e Nossa Senhora do Rosário (Saracuruna), local que será o foco do projeto de dissertação. Esses pontos podem ser entendidos como importantes para os patrimônios imateriais, devido às práticas sociais exercidas nesses espaços, desde os primórdios da ocupação portuguesa na região, dentre elas, as festas religiosas presentes até hoje no cotidiano dos moradores. Há ainda, outras práticas que se modificaram no decorrer do tempo, como o registro de óbitos e nascimentos nas Vilas que floresceram na Baixada Fluminense.

O surgimento das ferrovias no século XIX contribuiu para a decadência das Vilas, que se situavam em torno dos antigos portos fluviais anteriormente citados, e para um esvaziamento econômico e demográfico de grande parte da Baixada Fluminense, em especial, Duque de Caxias, devido ao assoreamento dos rios, o que causou graves surtos de doenças, dentre elas, a varíola e a febre amarela, (SOUZA, 2002).

No começo do século XX, dentro das políticas de saneamento levadas adiante pelo governo federal, é que a região passa a conhecer um forte crescimento de sua população, com o loteamento das antigas fazendas da localidade, em um processo que alcançou a região de Saracuruna no final da década de 1940.

Tivemos, a partir do crescimento populacional acelerado da década de 1940, a região da Baixada Fluminense mais uma vez ancorada à metrópole do Rio de Janeiro, ainda capital do país, como região fornecedora de uma mão de obra farta e barata para as atividades econômicas desenvolvidas na capital.

A expansão populacional no bairro de Saracuruna, a partir do loteamento da antiga Fazenda do Rosário, segue esse movimento, onde pessoas oriundas de outras regiões do país, em especial, o Nordeste, se estabeleceram em uma localidade ainda com graves problemas de infraestrutura como saneamento básico e outros serviços, mas que possuía outras vantagens como o baixo preço dos lotes dos terrenos vendidos e a presença da Estação Ferroviária do Rosário (atual Saracuruna), que fornece um transporte de baixo custo para o deslocamento dessas pessoas ao trabalho, em especial, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

A Estação ferroviária de Saracuruna foi um importante elemento para a ação de empresas imobiliárias que ocuparam a região da antiga Fazenda do Rosário e a dividiram em lotes. Cabe destacar a atuação de Jayme Fichman, que revendia os lotes abertos no meio dos matagais, sem qualquer estrutura de serviços básicos e sem documentação, por via de financiamentos diretos e sem o intermédio de bancos. A origem desses loteamentos era obscura, ou seja, não havia a garantia sobre a legalidade desses terrenos e havia quem garantisse que vários desses terrenos possuíam outros donos. (ALMEIDA; BRAZ, 2010, p. 88).

Os terrenos também não contavam com qualquer infraestrutura. Embora a Light tenha se estabelecido no município em 1946, a luz elétrica somente chegou na região de Saracuruna em 1954. (BATISTA, 2011, p. 85).

Essas pessoas, apesar da carência de vários serviços básicos, utilizaram muitas estratégias de sobrevivência em seu cotidiano, de forma a minimizar tais problemas, como a construção de fossas sépticas para tratamento mínimo dos resíduos sólidos produzido nas residências, o recurso à figura do farmacêutico como “médico” da localidade, na ausência ou dificuldade de consultas com profissionais especializados, e na realização de festas religiosas, dentre outras atividades, em um movimento de construção de laços sociais e que auxiliaram na superação das dificuldades iniciais enfrentadas.

A partir daí, podemos ter a compreensão de que o processo de ocupação da urbe ou cidade é fruto dessas relações sociais. Elas comportam grupos, práticas de interação e oposição, festas, comportamentos, hábitos. Essas características ou

marcas comprovam uma ação social de domínio e mudança de um espaço natural no tempo, (PESAVENTO, 2005)

A cidade deve ser entendida, com base nas experiências sociais identificadas, como uma obra coletiva, que seria impossível de ser realizada de forma individual: cidade, moradia de muitos, em um movimento sempre perene de relações sociais, (PESAVENTO, 2005)

Devido à ação de variados atores sociais, a questão da oferta de serviços básicos sofreu algumas melhoras, com a expansão da rede pública de ensino, a fundação do Hospital Adão Pereira Nunes e iniciativas para promover melhorias nas condições de vida dos moradores da localidade em ações independentes em relação ao poder público.

Nesse contexto, tivemos a expansão da ação de traficantes e milicianos que estabeleceram um poder paralelo, em várias partes do bairro de Saracuruna e arredores, inclusive com a limitação do direito de ir e vir dos seus moradores, uma questão que norteia importantes reflexões a serem desenvolvidas em um roteiro didático de investigação.

Destaco em particular, em minhas memórias, a iniciativa de professores voluntários e outros indivíduos de buscar instrumentos para facilitar o acesso de jovens da localidade ao ensino superior, como o Pré-Vestibular Para Negros e Carentes (Núcleo Castro Alves) do qual fui aluno e posteriormente professor e coordenador até o fim do ano de 2007.

O Pré-Vestibular de caráter comunitário voltou a estar presente no bairro, funcionando atualmente no Ciep 318 Paulo Mendes Campos, por coincidência no meu local de trabalho na prefeitura de Duque de Caxias, agora com o nome rebatizado de Pré-Vestibular Solano Trindade, que continua a transformar a vida de muitas pessoas da comunidade, como modificou a minha, representando também uma instituição a ser considerada como um ponto de memória, pois diversas pessoas da localidade guardam um sentimento de afetividade ou de pertencimento a ela e cujo alguns aspectos de sua trajetória irei relatar abaixo.

O Pré-Vestibular Para Negros e Carentes Núcleo Castro Alves teve o seu surgimento no início de 1999 e em sua primeira etapa de existência funcionou em diversas escolas públicas da localidade, onde contamos com o apoio das direções que cederam o espaço escolar para o funcionamento do projeto.

Mesmo sem o apoio formal do poder público, pudemos contar com a colaboração de agentes públicos, dentre eles, os diretores das escolas e alguns professores de escolas públicas para que o projeto fosse adiante, não apenas no bairro de Saracuruna, mas também em outras dos subúrbios do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense.

É importante no exemplo acima, a relevância da ação de atores sociais, que possibilitam, através de suas demandas do tempo presente, a emergência de uma nova narrativa sobre a trajetória das pessoas da localidade, (POLLAK, 1989).

A existência de projetos similares a esse em diversos pontos da região metropolitana do Rio de Janeiro coloca um contraponto à narrativa que praticamente excluía os jovens de áreas das ditas “periferias” do Rio de Janeiro do acesso ao ensino superior, o que transformou a vida de muitos moradores da localidade que antes não possuíam uma perspectiva clara de acesso e hoje atuam como sujeitos na difusão de oportunidades para os jovens.

As trajetórias dessas pessoas guardam similaridades com a minha própria experiência em obtivemos novas perspectivas de formação, devido a presença do Pré-Vestibular Para Negros e Carentes, onde rompemos com uma narrativa excludente de que era praticamente impossível para os jovens do bairro de Saracuruna o acesso à universidade pública.

Nos dias de hoje, muitos desses ex-alunos do PVNC exercem como professores e pesquisadores uma importante atuação social para transformar a realidade dos jovens da localidade e do bairro de Saracuruna e arredores, na tentativa de conferir a eles as mesmas oportunidades que obtiveram.

A ação dessas pessoas como atores sociais representou a emergência de uma demanda que se encontrava eclipsada ou reprimida não apenas na localidade de Saracuruna, mas do Brasil que foi a busca do acesso das pessoas das camadas populares ao ensino básico em larga escala e posteriormente ao ensino superior, no qual os Pré Vestibulares Comunitários estavam inseridos.

Atualmente os jovens da localidade colocam o acesso à universidade não como algo distante, mas com uma realidade próxima de ser alcançada, algo que não era visto da mesma forma pela minha geração.

Porém, a questão da violência se agravou, com várias áreas de Saracuruna, sofrendo com a presença de traficantes ou milicianos, um problema presente em outros locais da região metropolitana do Rio de Janeiro, onde a liberdade para ir e vir

é cercada, e podemos ver também que a região da Baixada Fluminense e também dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro foi marcada por várias turbulências sociais que vemos através das notícias veiculadas abaixo.

Figura 2 – Jornal de 06/07/1962 com notícias sobre a violência em áreas de Saracuruna e outras áreas metropolitanas do Rio de Janeiro

**Senado vota a extinção do Parlamentarismo**  
(TEXTO NA PAG. 2)

**POVO SAQUEOU O COMÉRCIO:  
INCENDIADA A FRONTEIRA FLUMINENSE**

**MORTOS E FERIDOS**

**POLÍCIA MASSACROU, NEGOCIANTES  
REAGIRAM A BALA, A MULTIDÃO  
ENFURECIDA LINCHOU E ENFORCOU**

**EM ROCHA MIRANDA, PAVUNA, PENHA E BRÁS DE PINA**  
MAIS DE MIL E QUINHENTAS VITIMAS E CERCA DE DEZ MIL CASAS COMERCIAIS ATACADAS - EXERCITO OCUPOU AS RUAS - COMERCIANTE ELETRIFICOU AS PORTAS  
(NOTICIÁRIO COMPLETO DOS ACONTECIMENTOS NAS PÁGS. 2, 6 E 8)

**LUTA  
DEMOCRÁTICA**  
Diretor-Responsável: TENDRO CAVALCANTI  
ANO IX - Rio de Janeiro, 6 de Julho de 1962 - N. 2.562

\* Dano de caso ferido durante os acontecimentos.

**10  
DIAS ÚTEIS  
CRUZEIROS**

**TERMINOU  
A GREVE**  
(TEXTO NA PAG. 2)

● Saque a um armazém em Caxias

Fonte: [http://memoria.bn.br/pdf/030678/per030678\\_1962\\_02583.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/030678/per030678_1962_02583.pdf).<sup>3</sup>

Corpo é encontrado na linha férrea e circulação no ramal de Saracuruna é interrompida

<sup>3</sup> Acessado em 07/04/2022.

**Transporte foi suspenso no trecho Gramacho-Saracuruna e nas extensões Vila Inhomirim e Guapimirim. Corpo está próximo da estação de Saracuruna.  
Por Guilherme Peixoto, Bom Dia Rio**

21/05/2021 08h31 Atualizado há 2 meses

A circulação de trens no ramal de Saracuruna foi interrompida no início da manhã desta sexta-feira (21). De acordo com a Supervia, um corpo foi encontrado na via férrea, por volta das 6h55. A Polícia Militar foi acionada.

Por causa dessa ocorrência, o tráfego no trecho Gramacho-Saracuruna e nas extensões Vila Inhomirim e Guapimirim foi suspenso. Os trens só estão circulando entre Gramacho e a Central do Brasil.

Passageiros estão sendo informados pelo sistema de áudio dos trens e da estação. Quem tem de seguir em direção à Baixada Fluminense está saindo da estação e seguindo de ônibus.

Ainda não há informações de como o corpo foi parar na linha férrea. A normalização do tráfego no ramal depende da conclusão do trabalho da polícia no local.

Por O Dia

Publicado 24/04/2021 18:24 | Atualizado 24/04/2021 18:38

Duque de Caxias - Dois homens foram encontrados mortos a tiros, na tarde deste sábado, 24, na Rua Carlos Maia, na **comunidade do Coreia**, nas imediações da **Estação de Saracuruna**. De acordo com a **Polícia Militar**, os agentes foram acionados para verificar a ocorrência de duplo homicídio. Chegando ao local, a guarnição encontrou dois homens feridos por disparos de arma de fogo dentro de um **automóvel**.

O Corpo de Bombeiros foi acionado e constatou o óbito das vítimas. A **Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense** (DHBF) foi acionada. A **Polícia Civil** informou que as investigações estão em andamento. A perícia foi realizada no local. Os corpos das vítimas foram encaminhados para o Instituto Médico Legal (IML) da região. Os agentes realizam diligências em busca de informações que ajudem a identificar a autoria do crime.

As fontes acima colocam uma luz depreciativa sobre a Baixada Fluminense e a localidade de Saracuruna, com narrativas que as associam a carências na área de saúde, transporte e enfatizando a questão da violência. Tais narrativas podem ser problematizadas, através da construção de um roteiro histórico de investigação do espaço local.

Podemos identificar mudanças na condição do bairro, como por exemplo, na área do transporte e educação? Como a questão da violência afeta mesmo a ideia de um roteiro histórico e pedagógico na localidade de Saracuruna? Que permanências e mudanças poderemos fazer que os estudantes identifiquem nas camadas temporais presentes nos locais a serem visitados?

As variadas narrativas que presenciamos sobre a localidade e que podem ser reconstruídas são elementos que nos levam a reflexão de que a cidade é objeto da produção de discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam.

Através das fontes citadas, podemos entender que a cidade é um fenômeno que se revela por meio da percepção de sentimentos e emoções presentes no viver

na urbe e pela expressão dos desejos, esperanças e medos individuais e coletivos que o habitar propicia. (PESAVENTO, 2005).

Tivemos, nessa parte da dissertação, a presença de narrativas variadas sobre a Baixada Fluminense, em particular, de Saracuruna, tendo como fontes, o estudo de historiadores em um movimento de valorização da História local.

Também verificamos a ação de atores sociais diversos, os noticiários de jornais da Baixada Fluminense e de grande circulação no Estado do Rio de Janeiro e as memórias dos moradores da localidade, dentre elas, as minhas próprias.

Esse trabalho que aproxima a História da Memória, coloca luz sobre determinados questionamentos. Podemos traçar novas narrativas sobre a localidade, que escapam a nossa percepção inicial, através de um projeto que envolva a participação dos estudantes da localidade? A construção de tais narrativas é uma premissa que pretendo colocar a seguir na sequência da dissertação.

## **1.2 A produção das narrativas, os lugares de memória e a questão do ensino da história local**

Como vimos anteriormente, a Baixada Fluminense, localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, é reconhecida por representações ou narrativas que enfatizam a miséria, a violência e o descaso do poder público, com o social (ALMEIDA, 2012).

Tais representações são amparadas por um discurso difundido pela mídia, que enfatiza a corrupção da classe política e a presença de traficantes e milicianos que exercem um poder paralelo sobre diversas comunidades da Baixada Fluminense.

Podemos extrair da afirmativa acima, questionamentos. Devemos estar presos a somente a tais representações ou narrativas quando tratamos de Baixada Fluminense, e, em especial, do bairro de Saracuruna, ou podemos construir outras representações ou narrativas, tendo como fonte, a seleção e apropriação de determinados vestígios que evocariam o passado da cidade, dentro de demandas que evocariam a necessidade de estabelecimento de políticas públicas de valorização de uma região, tida como periférica?

A respeito da construção de narrativas diversas sobre a localidade, as palavras de Costa (2017, p. 256) demonstram de que perspectiva de narrativa, nos referimos:

Sob esse ponto de vista, considerando a complexidade que envolve a produção do conhecimento histórico e a importância de sua dimensão discursiva, a atenção não deve estar voltada para o acontecimento em si, mas para a forma como o objeto histórico é produzido discursivamente, ou seja, para a própria narrativa que a constrói.

Nesse movimento de construção do objeto histórico de pesquisa, no caso o bairro de Saracuruna, temos a constatação de que o mesmo passou por mudanças, com a modernização da estação ferroviária, a inauguração de agências bancárias, expansão da rede pública de ensino e outros, mas continua carente de pontos de lazer e cultura, sendo a Praça do Rosário com a feira de domingo e o Social Clube Rosário, os pontos de referência de lazer e diversão para os jovens da localidade por gerações, sendo o que podemos chamar de patrimônios imateriais do bairro.

Podemos estabelecer os questionamentos sobre por que motivos, temos o descaso do poder público e mesmo de boa parte da comunidade local, com a questão da cultura no bairro? Eles possuem uma demanda de preservar vestígios do passado da localidade? Que narrativas naturalizam tal comportamento? E o mais relevante no caso dos estudantes, que representam o alvo na elaboração do projeto de pesquisa, qual o olhar que eles possuem sobre o bairro? E os professores? Como eles enxergam a localidade onde trabalham? Como isso se reflete nas diversas práticas pedagógicas em sala de aula?

Ações recentes de pesquisadores e professores como a criação do Museu Vivo de São Bento, tem a finalidade de mudar uma visão que podemos entender como depreciativa sobre a Baixada Fluminense, sendo o Museu Vivo de São Bento, um lugar de memória, (NORA, 1993).

Entretanto, identificamos que a atuação desses atores sociais com a construção de novas narrativas a respeito da Baixada Fluminense, ainda sofre com a resiliência de narrativas que colocam a Baixada Fluminense, como um local periférico e desprovido de uma “história”.

Dessa forma, pesquisadores e professores, engajados nesse movimento de valorização do patrimônio da localidade, devem buscar quais os elementos presentes no saber local que corroboram para o predomínio de um olhar que referenda a representação, ou narrativa citada e que veremos no decorrer do projeto de pesquisa.

Nesse sentido, para a construção de novas narrativas, devemos reconhecer no município de Duque de Caxias com seus “lugares de memória”, a importância dos saberes locais como essenciais para o entendimento de nossa própria história,

viabilizando as condições de reconhecimento da população duque caxiense, em particular, de Saracuruna, como elementos ou sujeitos ativos do seu fazer, ou seja, capazes de construir as suas memórias e identidades, em um movimento de aproximação entre o professor e alunos, no qual os últimos devem ocupar um papel de protagonistas na elaboração desse produto a ser aplicado no ensino de História. (ALMEIDA, 2012).

Relembrando um diálogo que tive com o meu aluno do ensino fundamental, percebo a existência de uma distância entre professores e alunos que pode ser reduzida ou aumentada em um processo de negociação entre sujeitos, onde a linguagem ocupa uma dimensão central. (MONTEIRO, 2011).

Para a superação desse distanciamento, o uso da narrativa pode ser uma potente ferramenta, em uma intervenção favorável no movimento de aproximação entre professores e estudantes.

Nessa constatação de uma distância presente entre os sujeitos no ensino de História, temos uma outra questão importante, qual seria a relação de identidade do aluno com o que estaria sendo ensinado, dentro de um processo de construção de um currículo a ser aplicado em sala de aula?

Podemos citar que algumas dessas respostas se lastreiam na desnaturalização do social e a compreensão das mudanças e permanências da sociedade ao longo dos anos, (ANTUNES, 2018).

Porém, o currículo de História tanto no ensino fundamental como no ensino médio, prioriza o protagonismo dos atores sociais numa dimensão afastada da realidade dos estudantes, que representa um erro a ser corrigido, (ANTUNES, 2018).

Os currículos e programas das escolas públicas, sob as diversas formas em que são apresentados (guias, parâmetros e outros) são produzidos por órgãos oficiais, que apesar de se dizerem como resultado de uma ampla discussão coletiva, envolvendo as comunidades escolares, na verdade o que temos é a elaboração de uma proposta curricular feita a priori por esses órgãos públicos, restando aos professores apenas a função de “consultar” o que foi elaborado.

Tenho como referência, a minha própria experiência com a BNCC no ano de 2015 das disciplinas de História, Filosofia e Sociologia no qual fui convidado pela direção da escola estadual onde trabalho, a dar o parecer a respeito do “documento preliminar” que fora enviado ao colégio, em uma ação em que ficamos limitados a dar

uma opinião sobre um tema que é de vital importância para os docentes, mas que sobre o qual não tivemos a oportunidade do debate.

Tendo como base a minha própria experiência, tive a constatação de que a participação dos professores tem ficado limitada a uma discussão a posteriori, ou seja, após a elaboração dos parâmetros curriculares, o que já estabelece de antemão um distanciamento do currículo com a realidade escolar vivenciada por professores e estudantes.

Devido às questões citadas anteriormente, surge a necessidade por parte do professor de um movimento de aproximação com a realidade experimentada pelos estudantes, buscando superar problemas, como o da imposição de um currículo feito pelos órgãos de ensino, que em geral não contempla a realidade dos alunos.

O local pode vir a ser uma importante ferramenta para a construção de narrativas alternativas que venham não necessariamente confrontar as propostas curriculares oficiais, mas sim fazer em um movimento de correção da falha presente nos currículos oficiais de ensino, que praticamente ignoram a chamada História Local, (ANTUNES, 2018).

O ensino da História Local é um instrumento relevante para enfrentar o que podemos denominar de aceleração do tempo, devido a facilidade que os estudantes possuem de terem acesso a uma elevada quantidade de informações, por meio de aplicativos digitais, redes sociais e outros, o que gera um distanciamento ou estranhamento dos estudantes com relação ao passado, o que pode vir a tornar o ensino de História, como algo enfadonho ou irrelevante, pois ele não se encaixaria nas demandas presentes em suas vidas.

Dessa forma, para enfrentar essa aceleração do tempo, caberia ao professor buscar redimensionar qual o papel a ser ocupado pelo ensino de História, para a compreensão do mundo em que vivemos, através da análise das demandas do tempo presente.

Podemos colocar o ensino de História e a sua relevância, com base na produção de narrativas vinculadas ao papel civilizatório, de valorização de “personagens ilustres” ou devemos encontrar outros caminhos para que ele encontre as ferramentas necessárias para se estabelecer diante de uma cultura imediatista, inserida em um regime de historicidade presentista, ou seja, em que as pessoas vivem em função do presente? (HARTOG, 2015).

Segundo Albuquerque (2003, p. 23) o professor de História pode repensar a questão do seu papel enquanto professor e o caminho a ser seguido para o ensino de História. Qual deve ser a escolha feita por ele do que deve oferecer aos estudantes? Qual caminho eles seguirão? Que temporalidades estão presentes?

É de suma relevância que o professor busque por meio da narrativa, o movimento de deslocamento dos alunos da temporalidade onde eles estão inseridos, onde o presentismo é dominante para que eles possam experimentar “outros tempos”, ou seja, vivenciar, como seriam os valores em outras épocas e o processo de mudança e construção dos valores que estão em voga na sociedade nos dias de hoje.

Porém, não devemos abdicar completamente da relevância de uma relação de proximidade com o tempo vivido, pois ele produz sentido para a vida, ou seja, para os estudantes como sujeitos viventes.

É necessário ter uma relação de equilíbrio com o anacronismo, onde ele pode ser usado com as ferramentas necessárias para produzir junto aos estudantes, uma consciência acerca da perspectiva de mudança, permitindo que eles tenham acesso à compreensão de leituras plurais do mundo.

Em um contexto de leituras plurais ou diversas do mundo, não teríamos mais que escrever ou algo sobre uma determinada coisa, mas discursos sobre em uma rejeição a ideia de essência das coisas, podemos instrumentalizar a potência do ensino da História local e a sua agregação a um currículo oficial, em um movimento de questionamento aos saberes ensinados, os reconhecendo como algo construído ou produzidos, contingentes e que são marcados por relações de poder. (MONTEIRO, 2011).

Cabe-nos, então, a reflexão sobre o papel do professor nesse movimento de questionamento ou de reconstrução dos saberes ensinados. No caso do professor de História podemos entender segundo as palavras de Fonseca, que ele seria:

Um profissional docente, cujo ofício consiste no domínio e na transmissão de um conjunto de saberes(...) esse saber docente é, de acordo com a literatura da área um saber plural, proveniente de diversas fontes. O historiador-educador é alguém que domina não apenas os métodos de construção do conhecimento histórico, mas um conjunto de saberes e mecanismos que possibilitam a socialização do conhecimento. (FONSECA, 1997, pp. 22-23)

Seguindo o raciocínio acima, o professor pode disponibilizar aos estudantes, ferramentas de análise sobre as variadas narrativas. Dessa forma, o historiador tem a

opção de trabalhar a riqueza da intriga construída e do poder metafórico das palavras empregadas, (PESAVENTO, 2005).

Assim, o historiador pode divisar os artifícios da ficção, justo naquela narrativa que se arvora em termos de veracidade, a mostrar que todo o discurso sobre a cidade é uma recriação do tempo e do espaço dotada de sentido, (PESAVENTO, 2005).

A partir da presença de variados discursos sobre a urbe em permanente reconstrução, temos a constatação de que o mundo seria plural, instável, provisório e os sujeitos ou o que podemos denominar de atores sociais ocupam e falam de diversos lugares ao mesmo tempo.

Nesse contexto, os paradigmas narrativistas, encontram condições para o seu desenvolvimento, sendo instrumentos de análise das práticas sociais, com o forjamento de uma dimensão construtivista, subjetiva e inventiva dos discursos e que podem ser entendidas como invenções culturais, sociais, ou falas produzidas pela linguagem e isso não pode ser desconsiderado pelo professor em seu ofício, em especial, quando a abordagem envolve o uso da urbe ou espaço urbano como uma ferramenta para o ensino de História.

A linguagem reproduzida através da retórica pode ser como elemento essencial na produção de narrativas e se revela como um instrumento essencial a ser utilizado pelo professor, como a ferramenta necessária para uma aprendizagem significativa, (MONTEIRO, 2011).

Dessa forma, em nosso trabalho em sala de aula, podemos ter uma narrativa significativa que possuiria condições analíticas para dar conta tanto do que deseja negar como reafirmar em um movimento que pode servir de justificativa para o fim das grandes narrativas, em um movimento de “guerra a totalidade”. (MONTEIRO, 2011)

Tal análise abre espaço para a chamada micronarrativa que expressam diversas identidades, diferentes versões em um movimento que confere voz a sujeitos fragmentados, também inventados e construídos. Devemos lembrar em nosso ofício em sala de aula, que os alunos também possuem essas identidades, o que coloca luz a dimensão da memória aplicado ao ensino de História, em particular, a História Local.

O estudo da história local “contribui para uma compreensão múltipla da História, pelo menos em dois sentidos: na possibilidade de ver mais de um eixo histórico local e na possibilidade da análise de micro-histórias, pertencentes a alguma outra história que as englobe e, ao mesmo tempo, reconheça suas particularidades.” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p.113)

As micronarrativas possibilitam o reconhecimento dos estudantes e seus familiares como portadores de um saber a ser considerado e as narrativas produzidas através deles, através das suas memórias, representam uma potente ferramenta no campo de ensino da História Local, pois essas narrativas podem ser usadas para denunciar as relações assimétricas de poder materializadas tanto no espaço local como na produção dos currículos escolares, estabelecendo uma relação de disputa entre uma narrativa ou discurso alternativo de grupos excluídos e as narrativas oficiais presentes nos currículos escolares.

Podemos ter em mente através dessas narrativas em disputa, que a cidade é objeto de discursos dotados de uma cientificidade acentuada, amparados em documentos oficiais, relatórios médicos estatísticos e outros, mas também podemos utilizar fontes do cotidiano dos moradores da localidade, como cartas antigas, crônicas e outras, em um cruzamento de saberes, ou seja, onde eles não se excluem mutuamente, pois eles tem em comum a ideia de tomar a cidade como objeto de preocupação de elaboração de conceitos e práticas, (PESAVENTO, 2005).

Siman (2010) destaca a relevância da cidade ser tomada como objeto de problematização e ressalta o potencial educativo do cotidiano:

O cotidiano da cidade é mais do que uma história do banal, do corriqueiro; é mais do que o trânsito intenso e apressado de mercadorias, dos seus transportes, dos homens sendo transportados individual ou coletivamente sobre o traçado físico da cidade. A história que se vive no cotidiano da cidade é efeito material e simbólico desses movimentos, reveladores de sentidos do pensar e agir dos homens em suas múltiplas relações sociais recebidas em diferentes lugares, (SIMAN, 2010 p. 583)

Segundo Pesavento (2005), as cidades são um fenômeno cultural, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo e pressupõem a construção de um ethos, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de urbano.

Nesse processo imaginário de construção de espaço-tempo, na invenção de um passado e um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente. Com isso, acaba por definir uma identidade, um modo de ser, uma cara e acaba por definir uma identidade, um modo de ser, uma cara e um espírito, um corpo e uma alma, que possibilitam reconhecimento e fornecem aos homens uma sensação de pertencimento e de identificação com a sua cidade.

Na construção do fenômeno cultural das cidades a atuação de variados atores sociais com as suas variadas experiências e narrativas ocupa uma dimensão central, que não devemos desconsiderar na prática pedagógica voltada a abordagem da História Local.

Partindo mais uma vez da análise de Pesavento, podemos compreender que a cidade é resultado de diversas histórias contadas sobre si mesma, que ao serem relatadas colocam luz sobre o tempo de construção e onde somos levados a indagar sobre quais as motivações que mobilizam a construção de diversas narrativas ao longo do tempo.

Assim, os personagens e acontecimentos são reavaliados com frequência, podendo sofrer novas interpretações e dando voz e visibilidade a diversos atores, vários deles antes esquecidos ou eclipsados.

Nesse movimento dinâmico de invenção do passado e contando através de narrativas diversas e concorrentes, a história de suas origens e de seu percurso no tempo, de forma de ter ferramentas para explicar o seu presente, a cidade visa a construir o seu futuro.

Tal ação é de suma importância nos projetos de desenvolvimento da cidade, onde os discursos de memória em disputa, exercem influência na configuração e transformação no espaço urbano no decorrer do tempo.

A presença de diversos atores sociais no espaço local coloca luz a uma pluralidade ou diversidade de narrativas, fornecendo a viabilidade de que o professor estabeleça que a aula, seja no espaço escolar propriamente dito ou em espaços alternativos, se torne um momento em que os alunos exercitem a liberdade de pensamento, onde eles podem imaginar o espaço urbano em diferentes temporalidades.

O professor pode educar esse exercício, buscando estabelecer os métodos para os estudantes, busquem as fontes que coloquem luz a essas narrativas diversas e que eles as problematizem, questionando narrativas que eram cristalizadas em suas mentes em um movimento de afastamento delas.

Assim, através do afastamento das verdades e poderes do seu tempo e de questionamento aos poderes dominantes de paradigmas que até então eram vistos como normais, (ALBUQUERQUE, 2003).

Porém, tal afastamento está longe de ser algo absoluto em um abandono dos conteúdos ensinados, ele deve ser pautado na relação com o presente.

Podemos citar questões da Idade Média, como a estrutura da sociedade feudal, o sistema econômico e as relações travadas entre os grupos sociais, o papel das mulheres naquela sociedade, a Inquisição e o poder exercido pela Igreja Católica, estabelecendo relações com a sociedade atual, identificando as rupturas e permanências presentes.

O professor por meio de sua narrativa, pode fazer com que os estudantes, façam o movimento de deslocamento temporal de como era por exemplo, a religiosidade daqueles tempos, em um movimento de comparação com o tempo presente.

Com isso, podemos estabelecer junto a eles, o sentimento de curiosidade e de surpresa com o rompimento de um modelo de aula antes centrado apenas na sucessão de eventos elencados no passado. Dessa forma, eles travam uma outra relação com a disciplina de História, que se relaciona com as questões do presente.

No campo do ensino da História Local e na elaboração de um roteiro de campo de cunho investigativo, não devemos perder o horizonte da relação com as questões do presente, mas devemos colocar à disposição dos alunos as ferramentas para que eles exercitem liberdade de pensamento, ou seja, possam dar vazão a sua imaginação, sobre cada elemento ou vestígio do bairro que pode ser estudado.

Nesse movimento, devemos entender que o local seja significativo para o sujeito, mas evitando uma história descontextualizada, ou seja, desconectada da chamada História global.

Assim, o local deve ser um espaço de expressão do global, servindo como um espaço de compreensão dos processos históricos de forma mais ampliada, um espaço de visibilidade de conceitos e processos, em um movimento no qual a liberdade de criação deve estar presente.

É relevante dar luz a liberdade de pensamento com a constatação de que devemos ter uma leitura da cidade, em particular, do bairro de Saracuruna, não pautada em um tempo histórico linear, mas como um tempo labiríntico, fragmentado, dotado de sinuosidades, de camadas que se sobrepõem, se comunicam e se bloqueiam, tempo sempre presente no espaço da cidade. (SIMAN, 2013, p.55).

Esse tempo labiríntico é permeado por sinais, indícios que devem ser identificados, desde as camadas do tempo encontradas nas edificações, nos traçados da cidade, no ritmo que os transeuntes ao seu andar no meio da multidão, passando

pelos atos políticos de esquecimento, presentes pela ausência ou destruição da memória do espaço local, (SIMAN, 2013, p. 55).

Na busca desses sinais ou indícios, o movimento de educação do olhar é algo que possui uma grande relevância, onde é fundamental que tenhamos o ato de ver e ver mais uma vez, criando um movimento de admiração entre o sujeito e os objetos, em uma trama em que ficamos seduzidos pelo que é olhado, ou seja, uma trama de fuga e captura. (RAMOS, 2004)

A partir do movimento de educação do olhar com a identificação dos sinais ou indícios presentes no espaço urbano, devemos ter em mente a existência de perspectivas que envolvem níveis diferenciados de saber que são integrantes da atividade do saber histórico, que são a observação, a numeração, correlação de fatores para explicar as causalidades que possam ser identificadas, generalização, comparação e os deslocamentos temporais.

Essas perspectivas citadas acima são as ferramentas que possibilitariam a evocação e sistematização de narrativas que devem ser exploradas pelo professor e desenvolvidas pelos estudantes. Podemos estabelecer algumas perguntas a partir disso.

O que as narrativas podem nos trazer? Podemos ter algumas respostas, dentre elas, a de entendermos a dimensão humana do tempo histórico, a possibilidade da empatia, do olhar o outro, mas sempre tendo em mente que podemos trabalhar com fontes complementares à narrativa como a leitura, decodificação e inferência.

Essas ferramentas citadas acima podem ser apropriadas para a construção de narrativas peculiares ou distintas a respeito da localidade, em que temos colocadas a luz as experiências pessoais de cada um dos estudantes naquele determinado espaço, em um movimento em que não podemos ter em mente somente a imposição de ideias construídas pelo professor, mas sim, que eles sejam capazes de construir o fazer histórico, com a intervenção didática do professor.

No campo de ensino da História local e reforçando o movimento de intervenção, a narrativa das experiências pessoais em um determinado espaço feita pelo professor, não deve ser desconsiderada, pelo contrário, ela representa uma ferramenta que pode gerar nos estudantes o que podemos denominar de curiosidade ativa, contribuindo para o estabelecimento de um “link” entre o professor e os estudantes. (ALBUQUERQUE, 2003).

Dessa forma, o aprendizado de História, nesse processo de escolha do que deve ser oferecido aos estudantes não seria apenas um algo vinculado a um acúmulo de conteúdos e aquisição de informações, devendo ser ressaltada a relevância da capacidade narrativa.

Ela seria o aprendizado da habilidade em enredar, em formular um relato com os elementos que o constituem e que são indispensáveis para que se tenha o efeito de conhecimento. Albuquerque (2003, p. 31).

Como dito anteriormente as narrativas são instrumentos de aproximação que o professor deve utilizar com os estudantes em um movimento de negociação de distâncias entre sujeitos (MONTEIRO, 2011).

A busca de mecanismos de negociação com os estudantes representa um dos aspectos ou motivos da minha escolha do projeto de dissertação com a elaboração de um roteiro histórico e pedagógico com a visita mediada a alguns locais do bairro de Saracuruna em um aprofundamento de roteiros que já fiz em algumas ocasiões nos colégios onde trabalho.

Destaco dentre tais projetos realizados em minha trajetória docente, a visita a alguns locais do Rio de Janeiro, Niterói, e, em especial, o Museu Vivo de São Bento, onde nos deparamos com as particularidades presentes que devem ser mencionadas.

No caso do Museu Vivo de São Bento, temos também a atuação de atores sociais de regiões tidas como periféricas, para o surgimento de um novo lugar de memória, (NORA, 1993).

Figura 3 - Ruínas da antiga Fazenda de São Bento, no Museu Vivo de São Bento, Duque de Caxias, RJ.



Fonte: [www.tripadvisor.com.br](http://www.tripadvisor.com.br)<sup>4</sup>

Podemos entender que esse lugar de memória, representado pelo Museu Vivo de São Bento na foto acima, é resultado do trabalho de diversos profissionais (historiadores, museólogos, professores) que mesmo que na função de agentes públicos, não receberam apoio de forma direta do poder público, é resultado do “desabrochar de uma grande onda: o da memória” (Hartog, 2013, p.24).

Segundo Hartog (2013), tal onda está associada ao turbilhão de transformações da contemporaneidade, onde o público passa a se interessar pelos “lugares de memória, testemunhos, biografias. Temos uma corrida à preservação da memória, com a criação dos “locais ou lugares de memória”, com a mídia atuando na produção de programas voltados ao grande público.

Tal movimento está associado a uma noção de que os tempos atuais podem causar uma perda da identidade, da noção de pertencimento social e de valores tradicionais, o que leva as sociedades a buscar referências ou balizas que possam trazer de volta uma racionalidade perdida devido a aceleração dos tempos atuais.

Locais como o Museu Vivo de São Bento, estão associados a essa busca de balizas de identidade para a comunidade local e podem servir para evidenciar para os alunos, perspectivas sobre as mudanças no tempo.

---

<sup>4</sup> Acessado em 25/04/2021.

Os professores e pesquisadores envolvidos no projeto são atores sociais que promovem um movimento de valorização da História da Baixada Fluminense e de busca de noção de pertencimento social usando como ferramenta, o Museu Vivo de São Bento, em uma construção de um discurso de memória.

Nesse sentido, constatamos a apropriação de determinados vestígios da localidade para essa finalidade, sendo incorporados como patrimônios a serem preservados, (GUIMARÃES, 2009).

É importante ressaltar que tais iniciativas são elementos que tem em si, a potência de catalisar a atenção dos entes públicos, no caso do Museu Vivo de São Bento, temos a presença de parcerias com a Secretária Municipal de Educação de Duque de Caxias, que ajudam na sustentação das atividades do Museu Vivo de São Bento.

O Museu Vivo de São Bento representa o discurso de memória dos excluídos, dos silenciados, que veio à tona através da ação de um grupo abnegado de pesquisadores, exemplo similar ocorreu no Museu da Maré, com ambas forjando um sentimento de identidade para que eles grupos entendidos como restritos. (POLLAK, 1989).

Entendo que seria relevante para o ensino de História, tendo como fonte, a História Local uma reflexão sobre questões ou problemas particulares do tempo presente, através da apropriação de determinados elementos ou vestígios que estariam presentes no espaço urbano, através da proposição de atividades investigativas em movimento que colocam luz um cabedal de novas narrativas sobre o bairro de Saracuruna.

Sobre a relevância do espaço da cidade como espaço educativo temos as palavras de Miranda, (2013).

O espaço urbano constitui uma experiência primordial – e nesse sentido, plural e universalmente posta – no tocante a compreensão da passagem do tempo em virtude da concretude assumida pelas múltiplas camadas temporais que se encontram na cidade, seja em sua dimensão física, dos monumentos e construções, seja no tocante às práticas sociais e ofícios urbanos que produzem e transformam a cidade.

Para uma atividade investigativa educativa no município de Duque de Caxias e o forjamento de “lugares de memória”, devemos ressaltar a importância das práticas sociais e dos saberes dos moradores locais, os enfatizando como algo essencial para

o entendimento de nossa própria história, viabilizando as condições de reconhecimento da população duque caxiense, em particular, de Saracuruna, como elementos ou sujeitos ativos do seu fazer, ou seja, capazes de construir as suas memórias e identidades. (ALMEIDA, 2012).

Nesse processo, temos o reconhecimento de que os moradores locais são sujeitos ativos na construção de suas memórias e identidades, podemos entender que os movimentos de valorização do Patrimônio e da História Local surgidos na Baixada Fluminense, já citados, visam a atender as novas demandas do tempo presente feitas por atores sociais da localidade, que visam a desconstruir narrativas ou representações entendem como depreciativas sobre a região.

Nesse movimento de elaboração de novas narrativas sobre o espaço local, buscamos que os estudantes se entendam como atores sociais, capazes de construir a sua própria História, cabe fazer a seguir, uma breve reflexão sobre a História Local e a sua potencialidade para o ensino de História.

## 2 A HISTÓRIA LOCAL E A SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE HISTÓRIA

### 2.1 Entendimento da história local no campo historiográfico

A chamada História Local pode ser entendida como uma variante da historiografia que a partir das interações ou diálogos com outras correntes historiográficas, colocou luz nos estudos históricos novas perspectivas, em uma ação de identificação centrada em jogos de escala envolvendo as tramas sociais locais representam ferramentas que podem ser importantes para o saber histórico.

A História Local surgida a partir do século XX confere uma nova dimensão a atores sociais considerados irrelevantes até então nos chamados estudos historiográficos que privilegiavam um modelo historiográfico voltado para a História Nacional e da seleção de grandes vultos e personagens que eram selecionados para essa finalidade. (ANTUNES, 2018).

Os personagens vinculados a uma História Local destoavam a princípio de uma historiografia que visava um leque de estudos mais amplo. A História Local trata de assuntos ligados a um município, distrito, ou qualquer demarcação feita de forma social, cultural ou política.

Podemos entender no processo dos estudos historiográficos, um movimento de tensão ou embate entre narrativas que prioritariamente colocavam luz a uma dita História Local e outras que privilegiavam a construção de narrativas vinculadas a História Nacional.

Esse embate de narrativas seriam fruto de um processo de demandas sociais e políticas que envolve as transformações no sistema de transporte, da noção de deslocamento e de ocupação de um determinado espaço geográfico por parte das pessoas que exerceram influência nos estudos historiográficos.

Antes das transformações ensejadas pela Revolução Industrial, a partir do século 18 e aprofundadas no século 19, com o surgimento das ferrovias o que permitiu o deslocamento mais rápido das pessoas e a maiores distâncias, a maior parte das pessoas tinham como referência, os vilarejos onde viviam e as práticas relacionadas a um cotidiano limitado. O deslocamento era restrito em geral a uns poucos quilômetros, poucos saiam de sua aldeia ou do seu distrito. (GOUBERT, 1988).

Os textos vinculados a História que essas pessoas tinham acesso, eram os antigos textos gregos e romanos e em alguns casos, a História da localidade onde

viviam, sendo esta última um compêndio das histórias dos personagens vinculados as famílias ilustres da região, ou a de algum herói ou celebridade.

A produção de narrativas nesse sentido, não foi obra do acaso, mas de uma demanda presente na época, vinculada a consolidação do Estado Moderno (Séculos XV e XVI), onde tivemos uma historiografia preocupada em listar os nomes das famílias mais nobres de uma determinada localidade ou província, com os seus castelos, títulos, propriedades, brasões, bem como a citação de templos, ordens religiosas e das cidades que compunham essa província. (ANTUNES, 2018)

Vemos claramente, a produção de um discurso de memória, com a seleção de elementos específicos de uma dita História Local, visando a estabelecer elementos de uma hierarquia social e política. O levantamento desse tema busca problematizar uma mudança na abordagem sobre a História Local, em uma ação que não despoje as classes populares de possuir uma história.

Com isso, evitaremos o que podemos chamar de tentativa de eclipsamento de narrativas, (POLLAK, 1989).

Posteriormente no decorrer do século XIX com a profissionalização dos historiadores, a facilidade de deslocamento, ensejado pelo avanço dos transportes, como citado anteriormente, o contato com outras províncias e a necessidade da construção de uma identidade nacional comum, os estudos historiográficos foram focados em um aspecto mais amplo, ou seja menos local, com a ideia do forjamento dos chamados heróis nacionais, os feitos políticos e administrativos e as guerras entre diferentes nações, (ANTUNES, 2018)

No caso brasileiro nos cabe ressaltar o modelo historiográfico hegemônico forjado pelo IHGB, que era voltado para a construção de uma identidade comum a ser conferida ao povo brasileiro em um projeto de inserção aos valores europeus com o elogio da colonização portuguesa, de valorização de uma história política e administrativa e vinculada a eventos da História Europeia, representaram o que seriam os “cânones” vinculados ao ensino de História no Brasil, (ABREU, 2017).

Esses cânones são elementos presentes de um código disciplinar e eles ainda exercem influência na organização dos currículos presentes no ensino de História e no que é ensinado em sala de aula e que também valoriza a estratégia da memorização presente nos materiais didáticos, que seria segundo o pensamento da época, um recurso importante de aprendizado escolar, (ABREU, 2017)

Nesse modelo as narrativas ligadas a uma História Nacional ocupam uma dimensão central no ensino de História, e isso ainda é algo forte no ensino de História nos dias de hoje, guardando similaridades com o modelo que ganhou força a partir do século 19.

As narrativas envolvendo a História Local ocupavam nesse esquema, um lugar secundário, localizada desde os anos de 1930, aos anos iniciais da escolaridade, em um movimento que ainda prevalece nos currículos escolares, (ABREU, 2017)

Entretanto, esse modelo de privilégio de uma História Nacional e de memorização como o recurso hegemônico de aprendizagem, passou a sofrer pesadas críticas, com propostas de reformulação não apenas do currículo, mas das práticas de ensino no espaço escolar, em um movimento de busca de uma identidade do aluno com o que é ensinado, (FERNANDES, 1995).

Porém, o movimento de construção de novas narrativas de como se deve promover o ensino de História ainda enfrenta resistências de grupos que não desejam mudanças do processo de aprendizagem no espaço escolar e mesmo de alterações no currículo que temos nos dias de hoje, no que podemos entender como mais um capítulo de um embate de narrativas que sempre permeia o processo historiográfico e o ensino de História, (POLLAK, 1989).

Tendo como referência, as minhas próprias experiências e acompanhando o cotidiano podemos questionar alguns aspectos dessas resistências na prática pedagógica dos professores.

O professor tem como foco o estudo da cidade? Sobre os aspectos históricos ele tem como baliza o relato do passado ou o utiliza para problematizar o presente? Como ele enxerga regiões próximas dos grandes centros urbanos e em particular a Baixada Fluminense?

Observando o currículo ministrado por outros professores e até o recentemente feito por mim é fácil a percepção de que a História de Duque de Caxias fica praticamente esquecida ou é apenas citada genericamente, em uma condição de inferioridade em relação á cidade do Rio de Janeiro.

Fica posto então o desafio de como estabelecer um movimento de mudança do status quo, da relevância do espaço local para o ensino de História com o forjamento do conhecimento histórico e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o passado e o presente da cidade.

Isso é relevante para a superação de resistências que se encontram enraizadas até mesmo de forma inconsciente na prática docente, estabelecendo uma disputa com métodos que eram praticamente inquestionáveis para o ensino de História.

Nesse ambiente de disputas e resistências, o ensino da História Local e a busca pelas memórias da urbe ou espaço local, podem ser uma potente ferramenta para a efetivação de uma educação cidadã e inclusiva a partir da problematização das memórias e esquecimentos.

CATROGA (2001) define:

(...) ela [a memória] não é um armazém que, por acumulação, recolha todos os acontecimentos vividos por cada indivíduo, um mero registro; mas é retenção afetiva e “quente” do passado feita dentro da tensão tridimensional do tempo. E os seus elos com o esquecimento obrigam a que somente se possa recordar o que já passou. (Idem, p.21).

Segundo Carvalho (2018) o forjamento ou construção do que será lembrado ou esquecido por um grupo social é feita de disputas, no âmbito de uma sociedade desigual e muitas vezes a memória serve aos grupos de poder, mas esta seleção por vezes é tensa.

Há uma disputa entre memórias concorrentes e por vezes, um conflito aberto. Segundo Pollack.

(...) a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLACK, 1992, p. 201).

Tal visão onde as memórias coletivas e a atuação de indivíduos que antes eram colocados à margem, são revalorizados no campo da historiografia, encontra eco no estudo da História Local a partir de meados do século XX.

Segundo Goubert (1988), a partir da segunda metade do século XX, a História Local voltou a ser considerada como algo relevante nos estudos historiográficos, mas ao contrário de tempos anteriores, com uma abordagem mais voltada com a identificação com as chamadas classes populares, ou seja, mais preocupada com os governados do que os governantes.

Segundo o autor, essa tendência é fruto de um movimento de insatisfação com os métodos históricos presentes até então, com o estabelecimento de novas questões históricas.

A potencialidade da História Local está ligada a condição da mesma de estabelecer novas narrativas e perspectivas ou alternativas que rompem com um modelo historiográfico até então tomado como oficial que atribuía importância as “grandes personalidades” e seus efeitos e que generaliza os aspectos do social, considerado um constructo homogêneo, (ANTUNES, 2018)

A potencialidade da História Local está inserida na constatação de que o primeiro lugar de atuação social dos humanos é o local.

É nele que estabelecemos as nossas primeiras relações com os demais indivíduos, regras essenciais de convivência, do respeito mútuo, mas, por outro lado, é o lugar que também tomamos contato com as relações assimétricas da sociedade, como a intolerância, injustiça e o preconceito, sendo o local um componente relevante para a formação da nossa identidade. (ANTUNES, 2018).

Para BOURDIN (2001) o objeto local é um elemento complexo para pensar o social. A localidade limitada por critérios puramente técnicos é empobrecedora. Ele observa que a localidade construída tem um enfoque antropológico, com vistas a uma comunidade específica ou cultural. O espaço onde os sujeitos constroem suas relações.

Podemos então estudar as relações constituídas nesse espaço e traçar comparações com espaços maiores, como por exemplo, o nacional.

Cabe ao professor estabelecer ferramentas que permitam que os estudantes se enxerguem como sujeitos ou atores históricos através da sua localidade, visando a romper com a ideia que muitos deles possuem com relação à disciplina de História, considerada por eles como algo chato ou enfadonho, decoreba e difícil.

Dessa forma, trazer o espaço local seria um importante recurso para fazer como já observado por Ana Maria Monteiro, um movimento de aproximação com os estudantes em um movimento de alfabetização histórica. Segundo Silva (2012):

As primeiras experiências com o conhecimento histórico durante a infância têm duas possibilidades de terem sido abordadas: de forma prazerosa, lúdica e contextualizada ou de modo acrítico e sem nenhum significado. O ensino de história se alicerça sob essas duas perspectivas, no qual a criança estabelece uma relação de afeição ou aversão com o conhecimento histórico desde a mais tenra idade. (SILVA, 2012, p.2).

Convidar o estudante a pesquisar as raízes ou origens do seu bairro é uma iniciativa relevante e interessante para uma pesquisa de campo. Representa tirar a ciência histórica que aprendemos do espaço restrito da Universidade e levá-la ao chão das escolas. Tentativas foram feitas em outros países com outras disciplinas.

GOODSON (2007) nos fala das “ciências das coisas comuns” (p.244), iniciativa de ensino que teve lugar na Inglaterra do século XIX. A proposta era de buscar uma metodologia de aprendizado usando como instrumento central, o cotidiano dos alunos mais pobres, em uma aproximação com a realidade por eles vivida.

A iniciativa logrou um êxito tão grande, que a reação das classes mais abastadas segundo o autor, foi ser contrária ao ensino desta disciplina nas escolas populares. Em seu lugar foi colocada uma ciência laboratorial, afastada da realidade popular, mas próxima da realidade dos estudantes mais abastados.

A experiência citada acima coloca luz a relevância da busca por parte dos educadores de História e outras disciplinas de uma aproximação com a realidade vivida pelos estudantes, em especial, os que vivem em áreas carentes, pois eles não possuem recursos similares aos estudantes de alta renda.

Porém, temos a presença de resistências que podem vir da pressão de outros atores sociais e da presença de um currículo oficial que permanece intocável na grande maioria das escolas.

O ensino da História Local, ainda enfrenta resistências fortes que envolvem a falta de entendimento de como esse recurso pode ser agregado ao currículo, à formação dos professores e à pressão de atores sociais pouco interessados em uma emancipação social das classes populares.

Sobre a relevância do ensino da História Local para os alunos podemos entender que ela os ajuda a resgatar, elementos como a história, memória e identidade, viabilizando uma reflexão sobre o local como unidade próxima e contígua, os ajudando a problematizar o sentido de suas identidades, fazendo que eles se relacionem com o mundo de uma forma crítica, os tornando capazes de alterar a própria vida (GONÇALVES, 2007)

No tocante à proposta pedagógica, a História Local ou do “lugar” tem ampliado os estudos e relatos de experiências com esses saberes no espaço escolar sem, contudo, abordar, especificamente, os nexos relacionais com a historiografia que vem sendo produzida.

De forma geral, existe o consenso, entre os pesquisadores do ensino, de que “o trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar suas próprias historicidades e identidade” (SCHIMIDT; CAINELLI, 2004: 113)

Ela também pode viabilizar a compreensão do “[...] entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência –escola, casa, comunidade, trabalho e lazer–, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente” (BITTENCOURT, 2004: 168).

Nesse processo, o espaço local guarda uma peculiaridade em relação a outros espaços, que é uma herança social, composta por costumes, hábitos, valores e uma cotidianidade que é compartilhada por indivíduos que se reconhecem como pertencentes a ele.

Dessa forma, a experiência dos indivíduos no âmbito do terreno é algo fundamental para identificarmos a potencialidade da História Local, onde podemos verificar o impacto das relações sociais presentes em uma comunidade e as demandas surgidas nesse processo, como elementos de transformações em um determinado espaço ou território e na vida de cada indivíduo e no papel social exercido por ele, (REVEL, 1998)

Essas experiências geram o sentimento de pertencimento das pessoas a um local em especial e os aspectos singulares do mesmo, significa em um movimento previsível, atribuir a outros espaços, diferenças que os colocam como “outros locais”, em um movimento que nos leva a forjar “outras relações sociais”, “outras identidades”, em um movimento de comparação com a que consideramos pertencer a nós, (ANTUNES, 2018)

Veremos no tópico a seguir a relevância dessas experiências ou memórias para a elaboração de um roteiro pedagógico voltado ao ensino da História Local e de como elas são relevantes para o movimento de desenvolvimento de novas narrativas e de uma consciência histórica por parte dos estudantes que pode ter como uma potente ferramenta o ensino da História Local.

## **2.2 As Memórias e a sua relevância para o Desenvolvimento de uma Consciência Histórica tendo como fonte o ensino da História Local.**

A construção social afetiva através do sentimento de pertencimento das pessoas a um determinado espaço delimita o espaço da localidade, ultrapassa limites geográficos e está ligada a afetividade do indivíduo com aquele espaço, o que é um elemento importante para a construção de novas narrativas.

Para o sucesso da construção da identidade afetiva de um grupo de pessoas com uma determinada localidade, as lembranças seriam fundamentais, pois através delas seríamos capazes de recuperar a consciência dos acontecimentos anteriores, distinguirmos o ontem de hoje, e confirmamos que já experienciamos ou vivemos um passado. Um passado relembado que é tanto individual, quanto coletivo.

Todos nós em princípio, temos recordações pessoais, mas precisamos das recordações de outras pessoas, tanto para referendar as nossas próprias, quanto para lhes dar prosseguimento, (GOMES, 2016).

Dessa forma, temos a capacidade de lembrar das coisas que não vivemos porque nos apropriamos da memória dos outros indivíduos que a viveram.

Tal compreensão é de suma importância para a elaboração do conhecimento histórico e para a construção da identidade tanto individual quanto coletiva. A ação de rememorar o passado é fundamental para o nosso sentido de identidade: “saber o que fomos confirma o que somos”, (LOWENTHAL, 1998)

No movimento das demandas do tempo presente em voga na nossa sociedade, reconhecemos que o tema da memória é algo dominante em diversos aspectos, através da ação de diversos grupos e atores sociais, (GOMES, 2016).

Temos o relato da memória do negro, a memória das vítimas da repressão da ditadura militar, memória da cidade, do bairro, dentre outras. Mas devemos fazer o seguinte questionamento, como tais memórias emergem? Isso seria um processo natural ou fruto de embates presentes na sociedade?

O ato de lembrar implica ou envolve uma seleção, da mesma forma que o ato de esquecer. Entre tantas memórias por que algumas são privilegiadas e outras esquecidas? (CHAGAS, 2009).

Surgem a partir daí outras perguntas. Para que preservar o que a sociedade produz? O que devemos guardar? Para quem? Podemos refletir sobre isso relembando a questão do patrimônio na reflexão de Guimarães (2012)

Como toda escrita histórica, a reflexão em torno do patrimônio deve considerar as condições históricas a reflexão em torno do patrimônio deve considerar as situações históricas de sua emergência – dos discursos e

narrativas acerca do patrimônio como forma de compreender a patrimonialização do passado. Como parte do esforço das sociedades humanas em tornar a experiência do transcurso temporal, uma experiência partilhável social e coletivamente. (...) o interesse contemporâneo pelo patrimônio deve ser interpretado segundo as demandas próprias às nossas sociedades contemporâneas(...) como o novo regime emocional sob o qual nos voltamos para o passado. Isso não apenas fornece a moldura a partir da qual nos voltamos para o passado. Isso não apenas fornece a moldura a partir da qual a questão ocupa hoje a centralidade como empenho de políticas públicas, mas diferencia igualmente da forma como o patrimônio veio a ser objeto dessas políticas públicas no momento de invenção das Nações modernas na esteira das transformações engendradas pela Revolução Francesa. É como parte desse novo regime emocional que novas escritas se tornam possíveis e necessárias, assim como novas formas de patrimonialização são demandadas. (pp 97-98)

Segundo Menezes e Silva (2007) “perseguir, através do olhar da memória, o (re)significar de identidade sociais, que nos tornam sujeitos de uma época, de um grupo social. Dessa forma, a busca de conhecer e se reconhecer no espaço passado e presente garante a constituição de nossa identidade social. (2007, p. 218)

Podemos trabalhar com determinados vestígios do bairro, como por exemplo, a Estação Ferroviária de Saracuruna, por intermédio de fotografias, mapas e outras fontes.

Segundo Menezes e Silva (2007), trabalhar fontes que em geral não aparecem na memória oficial da cidade pode viabilizar que os estudantes relacionem a fisionomia do bairro ou localidade em que vivem as suas experiências, suas histórias de vida.

As experiências cotidianas dos estudantes colocam luz à relevância da memória para o ensino de História. Segundo Menezes e Silva (2007), a memória torna-se, assim, elemento essencial na busca da identidade individual e coletiva.

A identificação de atores sociais, citados acima, coloca luz a relevância da ação política, pois ela invoca a memória, para se afirmar o novo, cuja emergência depende de um movimento que utiliza o passado e a seleção de determinados vestígios que estariam ligados a ele, como marcos fundadores selecionados, a experiência que se desenrola no presente, (CHAGAS, 2009).

Os embates ou disputas sempre presentes em nossa sociedade, ajudam a explicar o surgimento dos novos lugares de memória, que teriam a função de preservar uma memória que corre o risco de ser silenciada, (POLLAK, 1989).

Figura 4 - Sambaqui do Museu Vivo de São Bento em Duque de Caxias



Data e autor da foto desconhecidos.  
Fonte: [www.tripadvisor.com.br](http://www.tripadvisor.com.br)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Acessado em 25/04/2021.

O Sambaqui de São Bento, mostrado na foto acima, foi alçado à condição de um lugar de memória, pelo fato da necessidade de uma ação efetiva de preservação do local, diante da ameaça que persiste até hoje, da memória dos homens das conchas ser apagada, negando a população do bairro de São Bento e redondezas, o conhecimento de aspectos da vida dos que teriam sido os primeiros habitantes da região, (Gomes, 2016).

Figura 5 - Interior da cabine de sinalização mecânica da antiga Estação Ferroviária de Saracuruna



Autor da Foto: Carlos Latuff, 2001.

Fonte: [www.estacoesferroviarias.com.br](http://www.estacoesferroviarias.com.br)<sup>6</sup>

A atuação de grupos da sociedade na preservação de um local apropriado como patrimônio é vista também no bairro de Saracuruna, onde organizações privadas, como a Associação Fluminense de Preservação Ferroviária atua na preservação da cabine de sinalização mecânica da antiga Estação Ferroviária de Saracuruna, após a construção da nova estação ferroviária inaugurada no ano de 2000.

Temos nos exemplos do sambaqui de São Bento e da cabine de sinalização mecânica de Saracuruna, e de busca de fotos e documentos vinculados as famílias de uma determinada localidade, um movimento de evocação da memória, visando a

---

<sup>6</sup> Acessado em 25/04/2021.

preservação de determinados vestígios de um passado que segundo uma demanda surgida no tempo presente, deve ser preservado.

Entretanto, podemos identificar que nem sempre as memórias são evocadas, ao contrário, elas são silenciadas ou esquecidas, (POLLAK, 1989).

Esse movimento de silenciamento ou eclipsamento de determinadas memórias, produz uma História tida como oficial e hegemônica, com a produção de determinadas narrativas que podem vir a ser naturalizadas, em um movimento que podemos entender como enquadramento da memória.

Isso tem a finalidade de colocar um contraponto a narrativa de que os moradores dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense, têm pouco ou nenhum interesse com relação à cultura e de valorizar aspectos do seu passado. O olhar para o passado pode ser múltiplo, pensar nessa dimensão de conhecer para preservar e/ou valorizar, também é um discurso de poder.

Temos a proposta de colocar luz sobre outras narrativas que podem ser elaboradas, a respeito da Baixada Fluminense, e, em particular, Saracuruna, o espaço geográfico, alvo dessa dissertação voltada para a construção de um caminho para o ensino de História.

Enfim, a organização da proposta pedagógica que envolve a construção de um roteiro de investigação voltado ao ensino de História, envolve aspectos que considero como fundamentais. Em primeiro lugar, trabalhar a construção de novas narrativas sobre a localidade, colocando questionamentos a uma narrativa que entendo como depreciativa sobre o bairro de Saracuruna, onde o bairro somente é lembrado pela falta de recursos básicos, como saneamento, transportes e a questão da violência.

Outro elemento é o uso da História Local como uma ferramenta capaz de tentar promover uma aproximação, ou sentimento de identidade dos alunos com o que é ensinado, (FERNANDES, 1995).

Isso representa uma ação em que podemos partir do próximo para o distante, ou seja, promover por via do ensino da História Local, um mecanismo de ligação com outros temas que estão presentes no currículo de História, e com que os estudantes não possuem um sentimento de identificação, no qual eles construam novas narrativas sobre a localidade.

O movimento de mediação didática do professor e o uso da História Local podem vir a ser uma ferramenta a mais para os estudantes sejam efetivamente atores sociais na comunidade em estão inseridos, se colocando como atores capazes de

promover novas narrativas sobre o passado a partir das demandas do tempo presente.

Para o melhor entendimento do movimento do próximo para o distante é importante ressaltar que os trabalhos com história local se realizam norteados pela variação das escalas de análise que se alternam entre o micro e o macrosocial, entre o regional e o nacional, sem, no entanto, um anular o outro. De acordo com Revel:

[...] não existe hiato, menos ainda oposição, entre história local e História global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da História global. Particular e original, pois o que o ponto de vista micro histórico oferece à observação não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrosociais: é [...] uma visão diferente. (REVEL, 1998, p.19).

Essa relação entre a história global e local, que colocam visões distintas de realidades macrosociais e que por sua vez, leva a emergência de variadas narrativas é um dos elementos que coloca o ensino de História mergulhado, no que podemos chamar de embates de narrativas surgidas das demandas sociais no tempo presente, em uma dimensão política que sempre esteve presente em sua trajetória, (GUIMARÃES. 2009).

Trabalhar as formas de como são construídas e reconstruídas essas narrativas é algo obrigatório no ofício do historiador e do professor de História.

Tal preocupação deve estar presente nas atividades pedagógicas que são elaboradas seja no âmbito do espaço da sala de aula ou mesmo fora dela, como no caso da produção de um roteiro ou atividade de campo de cunho investigativo para o ensino de História, onde o professor deve atuar junto aos estudantes, promovendo uma ação de aprendizagem em um movimento de investigação através da prática empírica dos métodos do historiador, (PRATS, 2006).

Segundo Vanessa Araújo (2013), a própria cidade e sua dinâmica representam fontes de investigação, revelando a historicidade impregnada nas ruas, praças, espaços públicos com a presença da multiplicidade de tempos presentes no espaço urbano.

Para Silva Filho (2003), a investigação aprofundada do centro urbano, representa um elemento importante ao conhecimento histórico e cultural, mas que somente pode ser concretizado por meio do caminhar.

Temos uma distinção entre o caminhante e o passante. O primeiro é aquele anda pela cidade sem pressa e obrigações rígidas, tendo como prioridade a observação, “ele consegue um aprendizado sutil e diligente, mobilizar fragmentos materiais de outros tempos, convertê-los na matéria prima das memórias, dos espaços e culturas urbanas” (SILVA FILHO, 2003 p. 19).

Já o passante encontra-se marcado pela imposição do relógio e do deslocamento eficiente. Deliberadamente desatento ao espaço urbano não tem a intenção de desvendá-lo.

Segundo Vanessa Araújo (2013), o caminhante perceberá os caminhos criados de forma espontânea pela população, as mudanças ou intervenções impostas pelo planejamento das cidades, os usos variados de determinados espaços públicos, as apropriações feitas por variados sujeitos ou atores daquele espaço, onde podemos identificar a variedade do vivido, que está presente em cada esquina ou rua que compõe o espaço urbano. “A cidade é um texto a ser lido, decifrado por quem nela perambula com inteligência e sensibilidade” (SIMAN, 2010, p. 594).

Dessa forma, o professor tem a opção na atividade proposta, de instigar os alunos a serem caminhantes, de forma que eles desenvolvam as suas próprias ferramentas de investigação histórica por meio da observação das minúcias presentes no espaço da cidade que em geral escapam dos passantes.

Tal ação se justifica na medida em que o estudo minucioso do espaço urbano e a identificação de diversas temporalidades presentes auxilia os alunos para que eles construam variadas narrativas. Isso propicia um movimento de desenvolvimento de uma consciência histórica que estaria presente em todos os indivíduos, (RUSEN, 2010)

Para o desenvolvimento dessa consciência o estudo minucioso da urbe ou espaço urbano, como mencionado anteriormente, possui um grande potencial, na medida que ele possibilita o surgimento de uma consciência sobre o tempo presente, o movimento da ativação de uma consciência sobre o passado e reflexões sobre projetos vinculados ao futuro, (MIRANDA, 2012).

A partir do uso de ferramentas como o estudo do espaço urbano ou local, podemos ter uma elaboração mais complexa da consciência histórica por parte dos estudantes e que conduzida pelo trabalho do professor, seria capaz de propiciar a eles, uma compreensão do mundo e de si próprios, tendo como ponto de partida, o

entendimento do tempo em que vivemos como um ponto entre o passado e o futuro, definido por eles e que os define.

Segundo (RUSEN, 2001) seria obrigatório o estabelecimento da relação citada acima, pois sem ela seria impossível a compreensão do tempo presente em suas conexões e diversas temporalidades.

A proposta do roteiro investigativo de uma atividade de campo voltada ao ensino de História deve levar em conta, o conhecimento anterior dos alunos, para que eles tenham a base para estabelecer a partir dessa “bagagem intelectual”, os mecanismos ou operações mentais, capazes de apreender a realidade, a referenciando a sua própria historicidade e ao assimilar essa condição histórica, pautar racionalmente as suas ações e decisões a partir de tais referências, (RUSEN, 2001).

O professor ao estabelecer as ferramentas para o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes pode buscar atribuir sentido ao seu trabalho, justamente em um momento em que o saber escolar se encontra sobre um forte questionamento devido à ação de outros atores sociais.

Para enfrentar esse questionamento devemos pensar como trabalhar o ensino da História Local como estratégia de ensino, o relacionando a consciência histórica.

O ensino da História Local ao introduzir conteúdos, além dos manuais didáticos articulando conteúdos nacionais e mundiais, pode levar o aluno a desenvolver a consciência histórica, pois ele conseguiria perceber a história da localidade sendo parte dela.

Para Schmidt, a consciência histórica confere à vida uma “concepção do curso do tempo”, ou seja, aborda o passado como experiência e “revela o tecido de uma mudança temporal” e na qual as nossas vidas estão ancoradas, assim como as experiências futuras para as quais se dirigem as mudanças.”.

Citando Rüsen, a autora coloca consciência histórica fazendo a relação entre “ser (identidade) e dever (ação) em uma narrativa que torna os acontecimentos do passado com o objetivo de conferir identidade ao sujeito a partir de suas experiências individuais e coletivas e de tornar inteligível o seu presente, confirmando uma expectativa futura a essa atividade atual”. (2007, p. 194)

A autora também ressalta que a consciência histórica tem uma “função prática”, que é a de dar identidade aos sujeitos e fornecer a realidade em que eles vivem uma

direção temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica” (2007, p. 105).

Para Rüsen (2011), a narrativa é a forma linguística que materializa a consciência histórica com a função de orientação. Segundo o autor, para que a narrativa possa ser entendida como uma operação constitutiva da consciência histórica, ela deve resumir as três dimensões da consciência histórica: experiência, interpretação e orientação.

A “competência da experiência histórica” consiste na capacidade de olhar o passado e resgatar a sua qualidade temporal, diferenciando-a do presente. Mobilizam-se as lembranças do passado para interpretar as experiências do tempo atual.

A “competência para a interpretação histórica” é a habilidade que cria uma unidade temporal. Não basta rememorar o passado com vistas a uma orientação para agir, é preciso integrar passado, presente e futuro, de modo a criar significado a essa continuidade temporal.

A “competência para a orientação histórica” supõe a utilização da unidade temporal para a tomada de decisão na vida prática. A constituição de sentido para a experiência do tempo implica interpretar as mudanças temporais dos homens e de seu mundo de forma a garantir a permanência de si mesmos na evolução do tempo, (RUSEN, 2011, p. 59-60)

A importância do pensamento de Rüsen para o debate sobre o ensino de história reside em reunir a teoria e didática. A História nasce como narrativa, que não separa produção e transmissão, isto ocorre no século XIX com a busca do reconhecimento de sua cientificidade que se desdobra posteriormente em uma diferenciação de status da pesquisa sobre o ensino.

A forte influência do historicismo e do empirismo do período foram importantes para o estabelecimento de uma metodologia “científica”, o que representou avanços na capacidade de reflexão e crítica dos documentos.

A predominância neste período era da pesquisa da história das guerras, fatos políticos e grandes personagens, como já observamos anteriormente. Esta concepção historiográfica e sua preocupação com o rigor metodológico objetivando a fazer a “verdadeira história”, entretanto, isola cada vez mais a história em torno de si mesma.

Para superar o isolamento do fazer histórico, surgido a partir do advento do cientificismo do século XIX, a retomada do reconhecimento da importância da narrativa possui um papel central e o ensino do local ocupa uma dimensão relevante

na práxis pedagógica do professor, tendo a potência de romper com práticas que ainda são resilientes.

Miranda e Pagês (2012) entendem a urbe como uma potente ferramenta educativa para o trabalho de formação da consciência histórica. Segundo os autores, a educação no espaço urbano “potencializa a emergência de uma consciência sobre o tempo presente”, “permite a ativação de uma consciência sobre o passado” e cria condições de reflexividade acerca de projetos para o futuro”.

A cidade pode se projetar, em função das práticas educativas que nela forem engendradas, em território demarcador de diferentes futuros possíveis e, por conseguinte, espaço privilegiado para aprendizagem da prática democrática, (PAGÊS, 2004).

Assim no campo da prática pedagógica voltada ao ensino de História, a cidade pode ser entendida como um espaço para a reflexão acerca da complexidade temporal, problematizando o presente, lançando perguntas ao passado, para estabelecer balizas ao futuro.

Trabalhar a memória histórica da cidade de Duque de Caxias, em particular, do bairro de Saracuruna, focalizando aspectos como as mudanças e permanências do espaço local, como as transformações da estação ferroviária, o aterro de determinados espaços para a construção de escolas públicas e outros, propicia trabalhar com as memórias dos seus habitantes.

Tal ação em um movimento de deslocamento da temporalidade vivida pelos estudantes tem a potência de realizar de um link entre gerações e trabalhar o processo de formação de uma consciência histórica por parte dos alunos, através das temporalidades que podemos encontrar e problematizar no espaço urbano.

Segundo Caineli (2008), em se tratando a história da cidade “existe um significado apropriado pelos sujeitos que transitam pelos locais chamados históricos e contam aos seus filhos, algo sobre a cidade onde moram.

A partir da presença dessas diversas narrativas e da articulação do ensino da História Local ao desenvolvimento da consciência histórica, podemos pensar algumas questões a serem aplicadas através do ensino da História Local a partir da ação de diversos atores sociais, dentre eles, o próprio poder público a respeito da região de Saracuruna e da Baixada Fluminense que seriam hegemônicas para os moradores locais, em especial, para os estudantes?

Como grupos de pesquisadores e Historiadores têm atuado para buscar uma valorização do patrimônio e da História Local, apesar das dificuldades existentes?

Qual o papel do professor de História para a construção de narrativas que atribuam uma nova visão para os estudantes sobre o bairro onde moram em uma negociação de distâncias entre os sujeitos?

Tais questões devem estar presentes na elaboração de uma proposta didática que envolva a produção de um roteiro pedagógico que envolva o ensino da História Local e que sirva como uma alternativa a mais para buscar um movimento de aproximação com o currículo ensejado pelos órgãos públicos oficiais de Educação e que será desenvolvido a seguir.

### 3 ROTEIRO DE ATIVIDADES A SEREM APLICADAS

São variadas as estratégias que o professor utiliza no cotidiano em sala de aula para construir o conhecimento histórico junto aos estudantes. Tais iniciativas buscam soluções para que a aula seja uma experiência que envolva e conquiste os estudantes na construção desse conhecimento.

Para que o ensino de História faça sentido junto aos alunos, ele deve oferecer os recursos para que o aluno possa pensar historicamente e que sua condição no tempo presente está repleta do passado, em diversas ocasiões, invisível a ele. (COSTA, 2016).

No presente trabalho, que trata sobre a História Local do bairro de Saracuruna, foram planejadas variadas atividades com o intuito de oferecer através dos roteiros propostos, um material didático que sirva de referência para que os professores ofereçam experiências tendo como fonte, o estudo da localidade onde os estudantes estão inseridos, dando-lhes as ferramentas para que eles se entendam como sujeitos históricos e que sejam capazes de fazer a leitura do mundo ou realidade que os cercam.

A ideia de um roteiro histórico investigativo que aborde elementos do passado da localidade que podem ser apropriados no tempo presente para o ensino de História, tem como meta, estabelecer ligações entre as temporalidades que possam ser apreendidas pelos estudantes, através do trabalho e problematização das fontes ou vestígios a serem encontrados nos locais a serem visitados.

Tais roteiros podem ser desdobrados em atividades interdisciplinares, podendo ser incluídos no planejamento anual da disciplina de História, visando despertar um interesse maior da comunidade escolar em desenvolver tais atividades, em um movimento que visa superar resistências que ainda são fortes a modalidade de atividades de campo no ensino de História, vista por muitos, inclusive pelos estudantes e alguns professores como “passeio”.

As atividades a serem desenvolvidas devem ter como metas, a sensibilização dos alunos com os objetos para a leitura das fontes diversas, a questão da preservação da memória, estabelecer mecanismos de comparação entre as diversas temporalidades, através da problematização dos vestígios encontrados.

No exercício de tais atividades o professor possui o protagonismo de ser o mediador do processo de aprendizagem, estimulando o movimento de educação do olhar dos estudantes.

Para isso é fundamental que ele tenha o conhecimento prévio dos locais a serem visitados e selecionar os elementos a serem buscados de acordo com o objetivo proposto.

De acordo com o movimento de “educação do olhar” estabelecido pelo professor, os estudantes devem ser incentivados a andar com calma, priorizando a observação, sendo instigados a ver o que geralmente ninguém vê pelo ritmo acelerado do cotidiano ou pelo desconhecimento sobre os locais visitados.

Deve se estimular também vivências prazerosas para os estudantes nos locais visitados que proporcionem sentido e valor para eles, com propostas de desdobramento das atividades desenvolvidas nos quais eles sejam protagonistas na elaboração delas.

Cabe dizer, que dentro do roteiro proposto tive de limitar algumas ideias devido a dificuldades de acesso a fontes, em especial, no contexto da pandemia e por questões que envolvem a segurança pública da localidade.

Cito como exemplo, os vestígios de uma antiga fazenda colonial no sub bairro do Cangulo/Ana Clara, onde a ação do tráfico colocaria em risco a minha segurança e dos estudantes em uma possível visita e que poderia ser um importante vestígio do passado rural da localidade a ser trabalhado em um roteiro pedagógico envolvendo a História Local.

### **3.1 Atividades investigativas no Bairro de Saracuruna**

#### **3.1.1 Planejamento**

Na atividade investigativa sobre o Bairro de Saracuruna, devemos estabelecer de início, os recursos a serem utilizados pelos alunos. Nesse caso, o uso de dispositivos de captura de imagens, especialmente os smartphones podem ser incluídos no planejamento da atividade escolar e fazer parte do planejamento da atividade de visita a lugares de memória, sem que haja descaracterização desta atividade.

A observação e utilização dos sentidos devem ser priorizados a fim de levar o aluno a aproveitar aquela experiência.

O uso de dispositivos deve ser um elemento integrante da atividade, com a utilização das imagens gravadas em um desdobramento posterior.

O foco principal da atividade deve ser a dos estudantes seja tocada por essa experiência.

Para tanto, essas atividades devem ser planejadas e trabalhadas com calma, os alunos devem caminhar pelo espaço urbano com uma serenidade que é algo estranho a eles: caminhar e observar por onde se anda. Notar as camadas temporais com as quais travamos contato a cada dia sem que as percebamos.

Mais uma vez recorremos a Huyssen, que com sabedoria, aponta este contato com a materialidade dos lugares de memória e de história com este contato com a materialidade dos lugares de memória e de história como uma necessidade da sociedade contemporânea.

A rememoração dá forma aos nossos elos de ligação com passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão de futuro. (...) A memória de uma sociedade é negociada no corpo social de crenças e valores, rituais e instituições. No caso específico das sociedades modernas, ela se forma para espaços públicos de memória tais como o museu, o memorial e o monumento(...) (HUYSSSEN, 2000, p. 67)

Com base nas premissas acima, vamos pensar agora nos objetivos presentes na atividade investigativa sobre o bairro de Saracuruna.

**Objetivos:** A partir da inquietação de como os estudantes e a comunidade em geral pensam do bairro onde vivem, o objetivo é conferir a visibilidade a locais que possam ser entendidos como locais de memória no bairro de Saracuruna, em um movimento de construção de um sentimento de identidade e empatia com o local onde residem. Nesse sentido, a meta é organizar após as atividades uma exposição e um arquivo de imagens, digital e material, selecionada pelos estudantes, com a intervenção ou mediação do professor, mas sempre com o protagonismo cabendo aos estudantes.

**Recursos:** Celulares com câmera fotográfica de boa resolução, Máquina Fotográfica, Impressora.

**Tempo:** Dois tempos para organização e identificação e quatro tempos para a catalogação e organização do acervo.

**Descrição:** A atividade envolve lugares familiares aos alunos no espaço local, de forma a promover um sentimento de identificação deles com o que for proposto.

Os alunos vão buscar identificar os lugares com relevância para a história da localidade, o que visa os colocar como parte integrante daquela história e os motiva a observar com mais cuidado o bairro, criando as condições para que eles produzam um acervo de imagens impressas e digitais.

Os estudantes se dividirão em duplas ou trios e serão responsáveis por pesquisas locais onde eles poderão selecionar ou identificar vestígios do passado que ainda permanecem em uso no presente, mantendo a finalidade ou não.

Com a identificação dos locais mencionados, eles deveram tirar fotos desses locais, registrar a sua localização, uso ou finalidades que eles tiveram ao longo do tempo. Nesse sentido, cabe ao professor realizar o movimento de orientação ou intervenção, se os atuais proprietários possuem documentos ou fotos que registrem a finalidade ou aparência anterior.

Na etapa seguinte, o movimento será o de fazer a seleção e organização dos materiais coletados, na atividade de campo, em sala de aula

Por fim, o material coletado, selecionado e organizado será exposto em um grande painel para que a comunidade escolar e demais alunos percebam as alterações ou mesmo as permanências do espaço local ao longo de algumas décadas.

As fotos escolhidas a serem expostas no mural, com os devidos créditos, despertam a curiosidade, o sentimento de pertencimento dos estudantes a história do bairro e a percepção da história que muitos tiveram experiência e cujas memórias se encontravam “soterradas ou eclipsadas”.

Além da exposição física, existe a facilidade dos recursos tecnológicos, que podem ser usados na organização de um acervo digital, reunindo não apenas o material produzido pelos estudantes, mas de outras pessoas da comunidade do bairro que podem compartilhar as fotos que possuem em uma página do Instagram, facebook e em outras mídias digitais.

Tal iniciativa potencializa o alcance da atividade, com a atração de outras pessoas para refletir sobre as modificações locais, os aspectos positivos ou até negativos de tais alterações e possui a capacidade de contribuir para o crescimento do sentimento de pertencimento e autoestima locais, podendo levar ao surgimento de

ações de preservação dessa memória registrada nas fotografias presentes na realização desta atividade. O próximo passo é partir para a sugestão de algumas atividades específicas a serem desenvolvidas.

### 3.2 Investigação da paisagem urbana.

**Objetivos:** Observar de forma atenta a paisagem do espaço urbano, com a finalidade de identificar os vestígios de outras temporalidades e elaborar uma narrativa detalhada.

Recursos: Blocos ou cadernos de anotações.

Tempo: Um turno.

**Descrição:** Esta atividade pode ser realizada no movimento de exploração por determinados locais do bairro de Saracuruna dentre eles, a Capela do Rosário, Estação Ferroviária e outros, visando a produzir registros sobre a localidade, seja por meio de anotações ou mesmo por fotografias. Nesse processo, o professor pode vir a fazer o movimento de “educação do olhar” dos estudantes, de forma que eles dediquem uma atenção especial, para as coisas antigas e modernas que ainda convivem e onde podemos encontrar a substituição do antigo pelo moderno.

Nesse movimento, o professor pode atuar de forma a orientar os estudantes, de forma que o leitor ao ter contato com os seus relatos, possam se imaginar como se tivesse feito parte da visita, citando algumas curiosidades e fatos ocorridos no roteiro, visando a criar no leitor um sentimento de empatia com as suas narrativas. A seguir vamos abordar as ideias ou propostas que podem ser desenvolvidas a partir da seleção de alguns roteiros de investigação do espaço local.

### 3.3 Dossiê da Estação Ferroviária de Saracuruna.

Figura 6 - Mapa da Estrada de Ferro do Norte ou Leopoldina Railway com a sua expansão pelo Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Material cedido pelo Museu Vivo de São Bento.

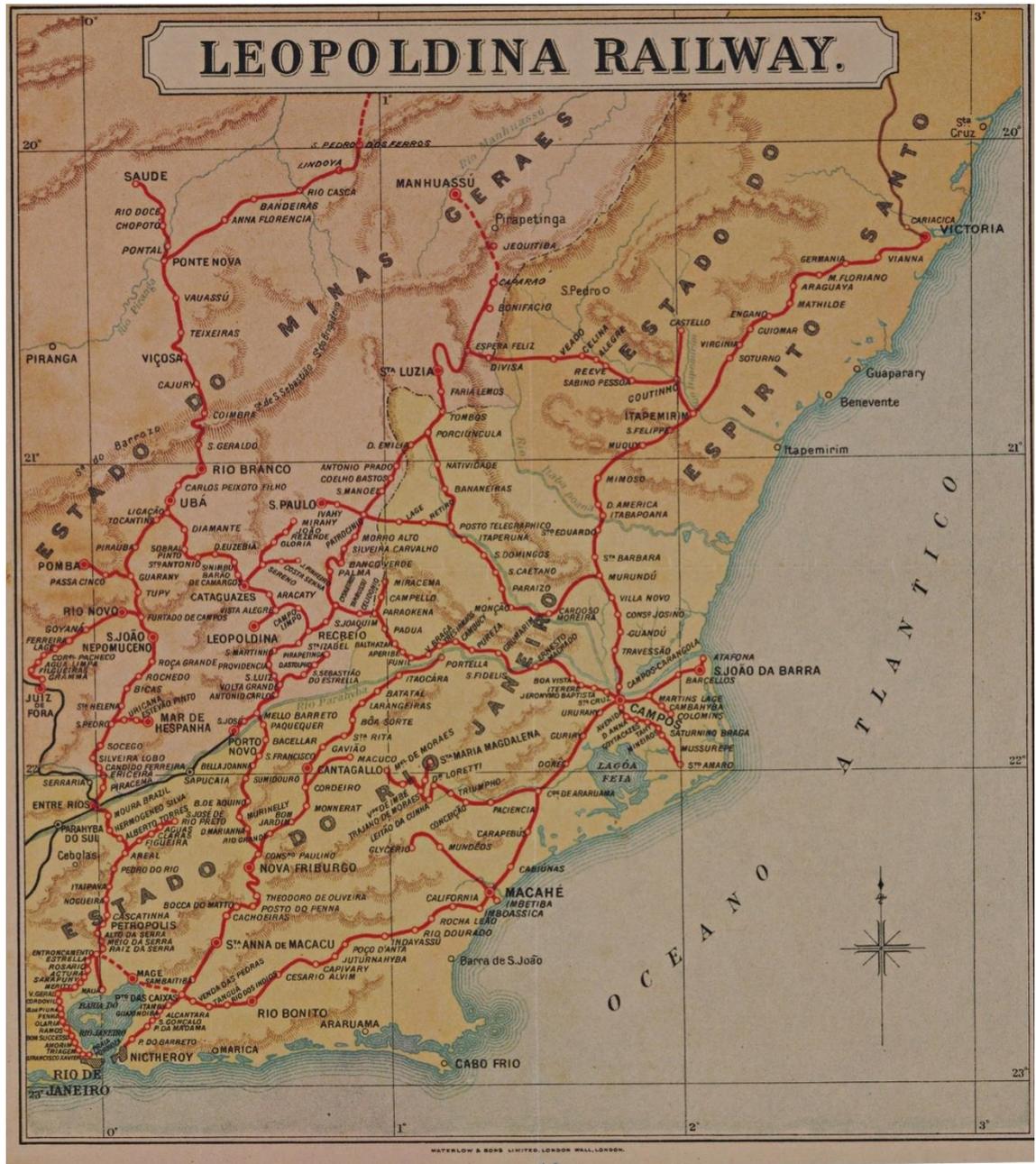


Figura 7 - Vagões de carga, pátio da Estação Ferroviária de Saracuruna.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Foto de minha autoria tirada no dia 25/11/2021



Podemos através das fontes acima desenvolver as seguintes inquietações junto aos estudantes, através da percepção a ser trabalhada com as temporalidades presentes no espaço da Estação Ferroviária. Qual era a relevância econômica do transporte ferroviário para Saracuruna e outras regiões em tempos passados, quando comparada aos tempos de hoje? Com base no mapa e na foto acima, podemos entender a que a construção da ferrovia no século XIX, ainda é o motivo da sua existência atualmente?

Podemos desenvolver questões no sentido de como a estação ferroviária está inserida no movimento de transformação do rural para o urbano não apenas em Saracuruna, mas também em regiões vizinhas e de processos em comum na ocupação do solo nessas localidades.

O mapa acima retrata o momento atual das ferrovias no Estado do Rio de Janeiro? Sim ou Não? Se houve mudanças por quais motivos elas ocorreram? Como as possíveis mudanças na Estação Ferroviária de Saracuruna, refletem em uma pequena escala, o que ocorreu em outras malhas ferroviárias no Brasil? Podemos estabelecer para a busca de tais respostas, documentos, depoimentos e vídeos que coloquem luz ao passado da estação ferroviária e um movimento de aproximação ao tempo presente.

Sobre o vagão ferroviário podemos desdobrar outras questões a partir da fonte. Qual seria a finalidade de uso de tais vagões? Eles ainda são usados? Quais as

condições desses vagões atualmente? Eles podem ser usados novamente? O recurso em uma etapa inicial é a exibição de um vídeo<sup>9</sup>, depoimentos e a visita ao pátio ferroviário.

Com o estabelecimento das respostas a tais perguntas podemos desdobrar outras questões de investigação mais aprofundadas envolvendo a trajetória do transporte ferroviário na região em variados aspectos, os relacionando a temas do currículo formal de ensino.

Como por exemplo, podemos associar o roteiro de investigação da Estação Ferroviária de Saracuruna ao movimento de urbanização brasileiro no decorrer do século 20, usando o bairro de Saracuruna como um caso a ser estudado das características presentes nesse movimento de urbanização, fazendo o jogo de escalas entre o micro e o macro no ensino de História.

Figura 8 - Foto da torre de sinalização mecânica



Legenda: Sinaleira mecânica ainda em funcionamento<sup>10</sup>

<sup>9</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=NCmU\\_Wcg-uo](https://www.youtube.com/watch?v=NCmU_Wcg-uo)

<sup>10</sup> Fonte: vídeo no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=7ZReYcXomqo>), gravado em 01/10/1988, disponível no site: <https://www.trem.org.br/>

Figura 9 - Antiga torre de sinalização ferroviária, sinaleira mecânica, no pátio da Estação Ferroviária de Saracuruna.



Fonte: O Autor, 25/11/2021.

As fotos acima, em um desdobramento da primeira fonte pode desenvolver outras inquietações. Como era a intensidade ou fluxo do transporte ferroviário na região? A Estação de Saracuruna era um importante eixo no transporte ferroviário no Rio de Janeiro? Ela ainda mantém essa condição e em caso contrário por quais motivos tivemos a modificação dessa situação?

A primeira foto e o vídeo, que pode ser acessado no canal do Youtube, mostram a torre de sinalização ferroviária ainda sendo usada como instrumento de controle do tráfego ferroviário entre Saracuruna e os ramais entre Vila Inhomirim e Guapimirim e do transporte de combustíveis que ligando a Reduc (Refinaria de Duque de Caxias) a Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense). A segunda foto mostra a antiga torre de sinalização já sem finalidade de utilização no pátio da atual Estação.

A exibição do vídeo do Youtube, documentos, livros, depoimentos e depois a visita ao pátio da Estação pode ser usada pelo professor para instigar nos estudantes os seguintes questionamentos. Qual seria a importância e a finalidade daquela torre de sinalização e qual a finalidade do seu uso? Por quais motivos, tivemos o seu abandono? Que transformações podemos constatar no transporte ferroviário na localidade a partir de uma análise comparativa com base nas fontes estudadas?

A partir das respostas iniciais a tais perguntas podemos estabelecer outras perguntas de investigação a serem respondidas. Como teria ocorrido a expansão do transporte ferroviário na região e no que ela contribuiu na expansão populacional no bairro de Saracuruna e outros locais? Como era organizada a circulação de trens a partir da Estação de Saracuruna? Para o desdobramento de tal atividade, podemos utilizar depoimentos de moradores ou ferroviários da região, mapas, fotos antigas e outras.

Importante ressaltar que tais respostas podem servir de parâmetro para que os estudantes desenvolvam o entendimento, a partir do estudo de aspectos da Estação Ferroviária de Saracuruna, aspectos relevantes da expansão das ferrovias no Brasil, sua relação com a ocupação do espaço local e a sua relevância no cotidiano das pessoas e a sua decadência em um movimento de aproximação entre a História Local e Nacional. (FERNANDES, 1995)

Figura 10 - Vagão antigo de passageiros no pátio da Estação Ferroviária de Saracuruna



Fonte: O Autor, 25/11/2021.

A fonte acima pode ser utilizada como fonte de inquietação para os estudantes. Como que ele pode ilustrar a presença do antigo e de do que seria moderno no interior da Estação Ferroviária de Saracuruna? Ainda existe vagões similares sendo usados

como meio de transporte de passageiros? No caso de uma resposta afirmativa, devemos buscar formular outras questões que envolvem os motivos de tal permanência. O vagão ferroviário pode ser utilizado pelo professor em uma atividade pedagógica para suscitar nos estudantes a busca dessas respostas.

A partir das respostas encontradas, poderemos desdobrar outras questões de investigação que envolve o processo de alterações no transporte ferroviário na região, podemos desenvolver outras inquietações sobre a relação do transporte ferroviário com o momento atual de ocupação territorial do bairro. Como é a oferta do transporte ferroviário para a população local atualmente quando comparada a tempos passados? Como isso afeta a questão da busca de empregos na localidade? A questão da moradia? Como é a concorrência com outros modelos de transporte?

Para isso, é importante mais uma vez, a educação do olhar e a problematização e comparação das variadas fontes encontradas.

Ampliando o leque de estudos a partir da fonte acima, podemos abordar questões junto aos estudantes, sobre as condições do transporte ferroviário não apenas na Baixada Fluminense, mas também no Brasil, em mais um movimento de aproximação entre o estudo do Local e o currículo presente nas escolas e colégios em um movimento de caráter interdisciplinar.

Figura 11 - Estação Ferroviária de Saracuruna



Fonte: O Autor, 25/11/2021.

Essa fonte pode ser trabalhada como um desdobramento da anterior, para instigar junto aos estudantes em um roteiro investigativo, diversas questões. Podemos identificar diferenças na via férrea? Sim ou Não? Em caso afirmativo quais seriam?

Podemos instigar em um roteiro investigativo sobre o local, um movimento de comparação. Uma pergunta relativamente simples a ser respondida pelos estudantes como um ponto de inquietação. Existe diferença entre as bitolas ou das linhas na Estação Ferroviária, através da análise da fonte? Em caso afirmativo como isso afetou o transporte ferroviário na localidade e no Brasil?

Como desdobramento das respostas das perguntas iniciais, podemos estabelecer outras questões pertinentes, como aspectos peculiares que envolveram a construção da malha ferroviária brasileira em comparação a outros países e que podem ser encontrados no pátio da Estação Ferroviária de Saracuruna e quais seriam as consequências de tais peculiaridades?

Para a busca de tais respostas, o professor pode propor que os alunos busquem fontes em revistas especializadas sobre ferrovias, sites, artigos e outros e a atividade investigativa de campo que ajuda a ilustrar de forma empírica o que foi demonstrado nas fontes anteriores.

Dessa forma, o uso dessa fonte permite mais uma vez um desdobramento de caráter interdisciplinar, pois ela envolve aspectos econômicos e geográficos da expansão e declínio do transporte ferroviário no Brasil.

Figura 12 - Trem de passageiros com destino ao ramal ou extensão de Guapimirim, partindo da Estação Ferroviária de Saracuruna



Fonte: O Autor, 25/11/2021.

A fonte acima está relacionada a anterior e pode ser usada em um movimento de inquietação por parte dos estudantes. Por quais motivos temos a permanência do transporte ferroviário feito daquela forma? Que comparação pode ser feita entre o trem que parte para a localidade de Guapimirim e os trens que partem de Saracuruna para a localidade de Gramacho/Central do Brasil? Que interesses ou atores impedem a uniformização do transporte ferroviário na localidade? Como essa questão afeta a movimentação da população de Saracuruna em direção as localidades de Vila Inhomirim e Guapimirim? Com qual frequência temos trens partindo de Saracuruna para essa localidade? Podemos buscar fontes de comparação com tempos passados?

Tais respostas podem ser encontradas, tendo como fonte, o olhar dos próprios estudantes, inclusive com o uso por parte deles e de familiares do transporte ferroviário, depoimentos de moradores antigos, sites como o da Supervia e mesmo documentos.

A partir de tais fontes, outras questões mais complexas podem ser contempladas, como os problemas de modernização de determinados trechos ferroviários da região metropolitana do Rio de Janeiro e mesmo o seu abandono por parte do poder público e da sociedade em geral.

Por fim, nesse dossiê investigativo sobre a Estação de Saracuruna como um desdobramento dessa fonte e outras que citei anteriormente, podemos instigar os estudantes para que realizem comparações entre a temporalidade vivida por eles e a experimentada por seus pais, avós e outras pessoas mais idosas, buscando identificar o que permanece e o que mudou na Estação Ferroviária, os seus efeitos na ocupação do espaço local e a questão da permanência de vestígios que ainda podem ser apresentados para a evocação de um discurso de memória sobre a antiga Estação de Saracuruna.

Outro elemento a ser apropriado em uma atividade interdisciplinar a partir das fontes citadas acima, é a questão das políticas públicas de concessão e privatização de serviços públicos ocorrido, em especial, a partir da década de 1990 e os seus efeitos no cotidiano das pessoas de Saracuruna, como um caso a ser utilizado em uma tentativa de explicação do que ocorreu em uma escala nacional.

Para isso podemos utilizar como fonte, a estação ferroviária de Saracuruna, em um movimento que além de aproximar a História Local e Nacional, pode ser desdobrado em variadas atividades interdisciplinares, como por exemplo, a Geografia, onde podemos trabalhar questões diversas, como os efeitos econômicos das transformações do transporte ferroviário sobre a população local.

Através das fontes acima e outras a serem encontradas e problematizadas por parte dos estudantes, cabe aos professores elaborar um roteiro de perguntas para mediar a visitação a Estação Ferroviária e desenvolver a capacidade investigativa ou inquiridora dos estudantes tendo como elemento central, as diferentes temporalidades que podem ser identificadas nesse espaço.

PRESENTE	PASSADO	INFLUÊNCIA DO PASSADO NO PRESENTE
Como é a Estação hoje e a sua relação com o cotidiano dos moradores de Saracuruna?	Como era a Estação de Saracuruna no passado?	Que elementos do passado da Estação Ferroviária de Saracuruna podemos ver hoje?
Por que a Estação Ferroviária de Saracuruna. é assim hoje e como se diferencia ou se assemelha a outras Estações Ferroviárias?	Porque a estação era deste modo no passado? Como e por que ele se diferenciava ou se assemelhava a outros lugares no passado?	Que influência esses vestígios ou elementos tiveram sobre a Estação Saracuruna, os seus usuários e moradores da localidade e de que modo essa influência se diferencia ou assemelha-se ao que ocorreu em outros lugares?
De que maneira a estação de Saracuruna se relaciona ou se assemelha a outras estações ferroviárias, no contexto da concessão da malha ferroviária a iniciativa privada?	De que maneira esta estação de Saracuruna estava relacionada a outras estações ferroviárias no Brasil? Que aspectos de sua construção se assemelham ou se diferenciam com relação a outras estações ferroviárias brasileiras?	De que modo as relações existentes no passado da Estação Ferroviária influenciaram esse lugar e de que maneira ele se relaciona hoje com outros lugares?
Como a estação está mudada e por quê?	Que mudanças ocorreram na Estação Ferroviária de Saracuruna ao longo do tempo e por quê?	Como as mudanças ocorridas estão refletidas hoje no bairro de Saracuruna, inclusive na organização espacial do bairro?
Qual o olhar que as pessoas possuem sobre a estação de Saracuruna e o transporte ferroviário nos dias de hoje?	Qual o olhar que as pessoas tinham sobre a estação e o transporte ferroviário no passado?	Como o passado influencia tais olhares sobre a Estação, no tempo presente?

(Fonte: Cf. HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999, p.14)





Fonte: O Autor, 19/05/2021.

Uma inquietação que pode ser tratada através da fonte acima, em um desdobramento do roteiro anterior é a questão da relevância do processo de expansão das ferrovias no Rio de Janeiro no movimento de ocupação e desenvolvimento dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro e posteriormente da Baixada Fluminense no decorrer do século passado. Como ponto inicial, podemos instigar os estudantes em um roteiro investigativo, a questão da centralidade ocupada pela Estação Ferroviária no crescimento e desenvolvimento do bairro de Saracuruna.

A Praça Vieira Neto localizada em frente à Estação, é o centro comercial da localidade, em um processo que pode ser visto em outros bairros da Baixada Fluminense e nos subúrbios do Rio de Janeiro, com o deslocamento da população para as proximidades das estações ferroviárias, não apenas em Saracuruna, mas em outras localidades da região metropolitana do Rio de Janeiro.

No caso desse exemplo, podemos usar como recurso simples de investigação, a observação do alto da atual Estação Ferroviária, podendo o professor fazer o movimento de educar o olhar dos estudantes para que eles estabeleçam por si mesmos, um movimento de identificação da estação em um papel de centralidade no bairro.

Seguindo esse roteiro, em uma atividade de campo investigativa, os alunos podem vir a utilizar tendo como referência vídeos antigos<sup>11</sup>, em sites dentre eles, <https://www.trem.org.br> e fotos antigas da Estação e observando a atual a Estação Ferroviária como citado acima, estabelecer algumas questões de investigação, dentre elas, se houve mudanças na questão de acessibilidade entre as duas partes da localidade, nos tempos da antiga estação e a atual Estação Ferroviária.

Assim, podemos trabalhar com questões pertinentes a organização espacial da localidade, tendo como fonte de referência, a Estação Ferroviária, entrevistas de moradores, mapas como o exibido acima e o recurso da caminhada em locais como a Praça Vieira Neto e arredores, em um exercício de variadas temporalidades, através de um roteiro de perguntas a serem exibidas no quadro abaixo.

---

<sup>11</sup> Acessar em: [https://www.youtube.com/watch?v=NCmU\\_Wcg-uo](https://www.youtube.com/watch?v=NCmU_Wcg-uo)

PRESENTE	PASSADO	INFLUÊNCIA DO PASSADO NO PRESENTE
Como é o bairro nos dias de hoje, tendo por base a observação a partir da atual Estação Ferroviária de Saracuruna?	Como era o bairro de Saracuruna em tempos passados, tendo como fonte uma análise comparativa entre a antiga estação ferroviária e a atual, usando como elemento as fotos acima e a atividade de campo?	Que elementos do passado ainda marcam a organização espacial do bairro de Saracuruna, mesmo com a construção da nova estação ferroviária?
Como o bairro de Saracuruna está mudado depois da construção da nova estação, como por exemplo, na organização do comércio local?	Que mudanças ocorreram no bairro de Saracuruna ao longo do período de funcionamento da estação ferroviária, como por exemplo na ocupação do espaço local, oferta de serviços públicos, comércio e outros?	Como as mudanças ocorridas na Estação Ferroviária estão refletidas hoje na localidade, com os seus efeitos na vida dos moradores locais?
Como seria viver nesse lugar, após as mudanças influenciadas pela construção da nova Estação Ferroviária?	Como seria viver no bairro de Saracuruna no passado?	Como o passado apesar das mudanças ocorridas ainda influencia o modo e a experiência de viver das pessoas nesse lugar?

Fonte: Cf. HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999, p.14

### 3.4 A Questão da Expansão da Rede de Ensino Básico em Saracuruna

Figura 16 - Ciep 228, Darcy Vargas



Fonte: O Autor, 21/03/2021.

“A matrícula nos colégios de segundo grau na rede estadual de ensino era difícil para os jovens em Saracuruna. Tive de buscar vaga para os meus filhos em colégios na Penha na cidade do Rio de Janeiro ou em Imbariê em Duque de Caxias e eles ainda tiveram de passar por uma prova de seleção pois não havia vagas suficientes e não existiam colégios públicos com a oferta do atual ensino médio no bairro de Saracuruna”. Depoimento de Miriam Santos de Castro dado em 09/03/2022.

O depoimento acima retrata a realidade que era enfrentada pelos jovens da localidade da ausência de escolas públicas que oferecessem o atual ensino médio na localidade de Saracuruna, até o final da década de 1980.

A partir das fontes acima, podemos desenvolver uma inquietação junto aos estudantes de como eram as condições da oferta do ensino básico no bairro de Saracuruna e as mudanças ocorridas no decorrer do tempo e de como a expansão da rede pública na localidade.

Tal expansão é relevante para a promoção da cidadania na região de Saracuruna e arredores no contexto da redemocratização a partir dos anos 1980 e representou oportunidades aos jovens da localidade de maior qualificação profissional e de como o ensino pode representar um importante instrumento de enfrentamento à vulnerabilidade dos jovens a violência na região.

Pelos motivos citados, Ciep 228 Darcy Vargas, mostrado na foto acima, guarda uma relevância na História do bairro de Saracuruna, pois ele foi o primeiro Ciep construído na localidade, dentro da demanda então existente, pela expansão da rede de ensino básico, em especial, do ensino médio, na Baixada Fluminense, em um movimento que podemos entender como de construção da cidadania após a redemocratização brasileira em meados da década de 1980.

Isso o coloca como relevante para o ensino da História Local, em um roteiro relevante para o ensino da História Local, associando ao currículo formal, pois o mesmo pode ser usado como ferramenta para a problematização do processo de surgimento e de expansão do ensino básico no Brasil.

A construção dos Cieps na localidade de Saracuruna está associada com o surgimento de uma demanda compartilhada no Brasil inteiro que foi a necessidade da oferta do ensino básico a todos os estratos sociais, que até então possuíam restrições de acesso ao ensino público.

Podemos investigar como o surgimento de demandas de cunho nacional, afetam o espaço local, onde uma área do bairro, sofreu alterações para a construção do Ciep 228 Darcy Vargas, onde a necessidade de expansão da rede pública superou qualquer resistência que pudesse existir no tocante a preservação do ecossistema então existente no espaço afetado pela construção da escola.

O projeto do Cieps idealizado por Leonel Brizola e Darcy Ribeiro e preconizado pela Constituição de 1988, que previa a expansão da oferta do ensino básico, (ANTUNES, 2018).

Os estudantes podem vir a ser instigados, através de um roteiro investigativo sobre como o projeto do Cieps e a sua realização afetou o espaço local, com a busca de outros depoimentos e documentos escritos, com a intervenção do professor e assim estabelecer através de uma análise comparativa, estabelecendo Saracuruna como um elemento de estudo para o entendimento da expansão da rede básica de ensino a nível nacional com uma reflexão sobre como era o ensino em tempos passados e como ele é atualmente, que alteração houve nos espaços locais do bairro com a construção dos Cieps e outros.

Para isso, podemos elaborar um modelo de quadro temporal, similar aos anteriores, que serviria de baliza para os professores mediar a atividade, através de perguntas de investigação.

PRESENTE	PASSADO	INFLUÊNCIA DO PASSADO NO PRESENTE
Como é a oferta do ensino hoje e a função do Ciep nesse processo? Como o Ciep e outras escolas são importantes na promoção da cidadania e como contraponto a violência existente na localidade?	Como era a oferta do ensino básico no passado? O que existia antes no espaço ocupado pelo Ciep e qual era a relação dos moradores da localidade de Saracuruna com ele?	Ainda existe dificuldade no acesso ao ensino atualmente, em especial, para os mais pobres? Quais seriam?
Como é a relação ensino e aprendizagem atualmente?	Como era a relação de ensino e aprendizagem no passado?	Como o passado ainda influencia a relação de ensino e aprendizagem atualmente?

(Fonte: Cf. HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999, p.14)

### 3.5. As transformações no espaço urbano de Saracuruna

Figura 17 - Foto antiga de parte do terreno que foi aterrado para a construção do Ciep Darcy Vargas na década de 1980, ao fundo a antiga Estação Ferroviária de Saracuruna



Fonte: [www.bibliotecasolanotrindade.blogspot.com](http://www.bibliotecasolanotrindade.blogspot.com), acessado em 25/04/2021.

Legenda: Autor e data desconhecidos.

A partir dessa foto, em um desdobramento da fonte anterior, podemos instigar inquietações junto aos estudantes sobre como seria o bairro em aspectos que seriam desconhecidos para eles, em um roteiro de atividade de campo, que os alunos busquem identificar questões do cotidiano dos moradores em uma análise temporal com as mudanças no espaço urbano. Nesse sentido, podemos desenvolver mais um quadro de perguntas.

PRESENTE	PASSADO	INFLUÊNCIA DO PASSADO NO PRESENTE
Como é o espaço mostrado na foto atualmente? Que mudanças podemos perceber?	Como era esse lugar no passado, através da foto acima?	Podemos ver vestígios do passado desse local atualmente ou eles foram completamente apagados?
Como é a prática do lazer no bairro atualmente?	Qual era a finalidade do local, tendo por fonte a observação de elementos na foto?	Ainda temos espaços na localidade com a finalidade voltada ao lazer a serem identificados no quadro anterior? Sim ou não. Justifique a resposta.
Qual a finalidade desse espaço nos dias de hoje? Podemos utilizar como referência a foto acima e uma visita ao local.	De que maneira, o espaço estava relacionado a outros espaços similares no bairro de Saracuruna? Eles tiveram um destino similar ao espaço mostrado na foto?	Ocorreu mudanças similares a outros espaços do bairro? Sim ou Não? Se elas ocorreram quais teriam sido os elementos motivadores?

(Fonte: Cf. HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999, p.14)

Com base, nas respostas a serem obtidas através do roteiro de perguntas podemos desdobrar a atividade em um painel sobre o processo de ocupação do bairro de Saracuruna e a relação entre as demandas locais e nacionais que influenciam esse movimento, estabelecendo um jogo de escalas entre o Local e o Nacional.

A variação ou jogo de escalas demonstra que o espaço da localidade é marcado ou moldado por demandas diversas que surgem a nível nacional, sejam elas no campo da educação ou mesmo a questão do problema da habitação no Brasil, onde as ocupações irregulares não representam algo vinculado apenas a realidade da Baixada Fluminense, mas do Brasil, em geral e que por vezes, gera algumas consequências ruins.

Com isso, tendo como baliza inicial, o roteiro de perguntas proposto e da fonte original acima, eles podem trabalhar com narrativas que vão além de um ensino no tempo presente, mas com demandas que levaram a transformação daquele espaço e os seus efeitos sobre a natureza e o cotidiano dos moradores locais.

Nesse sentido, a ideia é de que os estudantes busquem fontes diversas que registrem o movimento de transformação daquele espaço e o que teríamos de positivo ou negativo nesse processo.

Enfim, podemos estabelecer que os alunos busquem essas e outras fontes que coloquem luz a elementos da História Local.

### **3.6 A Religiosidade como elemento no processo de ocupação do bairro e a sua presença no imaginário da comunidade**

Figura 18 - Capela de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: O Autor, 2015.

A capela original de Nossa Senhora do Rosário, se localizava em uma fazenda do mesmo nome, próximo ao Rio Saracuruna, e foi fundada por Dona Ana de Faria, viúva de Paulo Pinto, no ano de 1730. Porém, com o falecimento da proprietária original, a capela passou a Manoel de Vasconcelos Velho e depois de seu falecimento, ao sargento-mor José Dias de Oliveira.

No fim do século XVIII, A capela apresentava os ornamentos necessários, mas possuía um missal antigo e várias imagens de santos, precisavam de reformas em suas pinturas. Por fim, Pizarro relatou que a capela não possuía, ao contrário de outras, autorização nem para o uso de pia batismal e nem para a celebração de casamento. (ARAÚJO, 2008, p. 262).

Segundo o depoimento de uma das lideranças mais antigas da comunidade do Rosário, Nivalda dos Santos, quando ela chegou em Saracuruna, em 1942, só havia uma capela em ruínas dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Ela era uma capela com medidas um pouco menores do que a atual. Havia apenas as paredes da frente e de trás, um altar lateral com a imagem da santa e ela se situava nas proximidades da rua principal e o Clube do Rosário.

Entre os anos de 1943 e 1944, um oriental do Convento de Santo Antônio (RJ), construiu uma outra capela dedicada a devoção do Rosário, na Rua Visconde de Barbacena. Posteriormente a área desta capela foi vendida. Assim, os devotos iniciaram um novo movimento para a construção de uma nova capela.

Em 1952, esta nova capela é inaugurada em uma rua acima, que recebeu o nome de rua da Capela. Nivalda dos Santos ressaltou que as pedras da capela colonial foram utilizadas para a construção da nova capela.

Figura 19 - Foto da construção da atual capela.



Fonte: Acervo CRPH - Coleção Marlúcia Santos de Souza.

Figura 20 - Capela de Nossa Senhora do Rosário, em 2002.



Fonte: Acervo CRPH - Coleção Marlúcia Santos de Souza.

Figura 21 - Altar de Nossa Senhora do Rosário, em 2002.



Fonte: Acervo CRPH - Coleção Marlúcia Santos de Souza.

Através da historicidade do local, podemos trabalhar as representações do bairro que estão diretamente ligados a Capela de Nossa Senhora do Rosário e que sequer são percebidas pela maioria da população e que podemos desdobrar nas perguntas ou questões de investigação, desdobradas abaixo:

PRESENTE	PASSADO	INFLUÊNCIA DO PASSADO NO PRESENTE
Como podemos entender a relevância da atual Capela do Rosário e identificar a sua presença no cotidiano e no imaginário dos moradores locais, por meio de festas religiosas, nome de ruas e outros locais do bairro de Saracuruna?	A Capela sempre ocupou o mesmo espaço? Por quais motivos tivemos mudanças no local de localização da Capela. Que atores ou elementos tiveram o protagonismo nesse processo?	Onde podemos identificar a permanência das crenças religiosas que levaram á construção da antiga Capela do Rosário e que justificaram que ela fosse reconstruída e que nos tempos atuais ainda seja de grande importância para a comunidade local?

Nesse sentido, podemos buscar através de uma visita a Capela e uma caminhada pelo bairro de Saracuruna e a recursos digitais como o google maps, a busca das respostas para as perguntas acima.

A partir das perguntas iniciais no quadro podemos fazer que os estudantes busquem entender por si próprios, que elementos explicariam a importância da Capela de Nossa Senhora do Rosário no tempo presente, para a comunidade local e quando comparada a Igrejas do Centro do Rio de Janeiro que estão sempre em constante atividade e abertas à visitação.

Podemos estabelecer questões de investigação. Por quais motivos a Igreja de Nossa Senhora do Rosário não possui o mesmo tratamento, funcionando apenas em dias e horários específicos, lembro aqui o abandono da Matriz da Igreja de Nossa Senhora do Pilar que nos dias de hoje sequer funciona, nesse caso o recurso pode ser fazer atividades de campo com os estudantes em dias e horários variados e os instigar a fazer perguntas aos moradores da localidade, sobre o cotidiano da Capela de Nossa Senhora do Rosário.

Os estudantes podem estabelecer questionamentos sobre os motivos que levam a atual condição da Igreja funcionar apenas em dias ou datas comemorativas específicas. Também podemos estabelecer questões referentes a ausência de uma ação por parte das autoridades municipais e mesmo da Igreja, de valorização do patrimônio local.

Tudo isso em um contexto, em pode ser feita a produção de narrativas que problematizem e estabeleçam a importância da Capela e outras Igrejas da região

como patrimônio e para história local do bairro de Saracuruna e de Duque de Caxias, independente da religião professada por cada um.

### 3.7 O processo de ocupação do bairro de Saracuruna por meio da análise de documentos e outras fontes

Figura 22 - Registro de compra de terreno

ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
COMARCA DE DUQUE DE CAXIAS  
MUNICÍPIO DE SARACURUNA

VIA  
FOTOCOPIA N.º 1-0  
de 19  
de 19

CONTRATO N.º -13-  
SEÇÃO N.º -18-

## JARDIM DO ROSARIO

Situado na Estação de SARACURUNA (antiga "ROSARIO") 2.º Distrito do Município de DUQUE DE CAXIAS, Estado do Rio de Janeiro, com frente para a Estrada de Ferro Leopoldina, inscrito no Registro de Imóveis da cidade com o Decreto-Lei n.º 58 de 10 de Dezembro de 1937 e Decreto-Lei n.º 3.079 de 15 de Setembro de 1938, sob N.º 12 em 13 de Agosto de 1946 à folha 227 e 228 L.º 8 A.º 301 o n.º 92 de acordo com o reoteamento em 30-8-1951, folha 125 do livro 8 E.

### CONTRATO DE PROMESSA DE COMPRA E VENDA

Pelo presente instrumento particular de Promessa de Compra e Venda Jayme José Amar, brasileiro, casado, jornalista e sua mulher Dina Fichman Amar, bras., prof. de inglês, residente em rua Paiva 900, ap. 203 GB, rapras. neste ato Hinda Fichman Amar, esposa e Marcos Fichman, bras., cas., eng. e sua mulher Zilda Fichman, bras., todos residentes no L. Guanabara, proprietário(s) de terrenos na área denominada JARDIM DO ROSARIO, sita na Estação de Saracuruna, 2.º Distrito de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, dora em diante designado(s) neste contrato como simples PROMITENTE(S) VENDEDOR(ES) e Ernande Cavalcante de Castro, brasileiro, solteiro, bombeiro hidráulico, residente na rua Coronel Garcia Picheco, 50 fundos, Parada de Lucas ( E.F. Leopoldina, GB) dora em diante denominado simplesmente PROMITENTE COMPRADOR, têm justo e acordado o presente contrato a cujas cláusulas mútuas e respectivamente se obrigam, que são as seguintes:

I — CARACTERISTICOS: — O(s) Promitente(s) Vendedor(es) se obrigam a vender ao Promitente Comprador o terreno de sua propriedade, desmembrado da área denominada JARDIM DO ROSÁRIO e designado na planta respectiva por lote(s) n.º -10-, da quadra A-Lago situado(s) na Coronel Carlos Matos, medindo -15,00- metros de frente por -15,00- metros na linha dos fundos; extensão pelo lado direito -40,00- metros e pelo lado esquerdo -40,00- metros com a área total de -600,00- metros quadrados, confrontando pelo lado direito com o lote n.º e pelo lado esquerdo com o lote n.º 11- e nos fundos com os lotes 21 e 22, conforme a planta arquivada, não estando agravado por servidões e outros onus reais e nem sujeito a qualquer restrição ao direito de propriedade.

II — PREÇO DO TERRENO E PRESTAÇÕES: — O preço de venda do terreno é de Cr\$ 50.000,00 ( cinqenta mil cruzeiros ), por conta do qual o(s) Promitente(s) Vendedor(es) recebe(m) neste ato a importância de Cr\$ 50.000,00 ( cinqenta mil cruzeiros ), a título de entrada, sinal e princípio de pagamento, obrigando-se o Promitente Comprador a pagar a quantia restante de Cr\$ 500.000,00 ( seiscientos mil cruzeiros ) no escritório do(s) Promitente(s) Vendedor(es) ou local pelo(s) mesmo(s) designado, mediante recibo firmado pelo(s) Promitente(s) Vendedor(es) ou seu bastante procurador em sessenta prestações mensais, consecutivas, ininterruptas e mínimas de Cr\$ 10.000,00 ( dez mil cruzeiros ) iniciando-se o vencimento da primeira prestação em Os recibos farão

Fonte:

A fonte acima representa o documento registrado em cartório da compra do terreno, onde os meus pais construíram a sua residência. Ela mostra um elemento comum a muitas famílias que residem no bairro de Saracuruna e que posso explorar como uma narrativa pessoal e de aproximação com os estudantes cujas famílias residem no bairro de Saracuruna.

Nesse sentido, através da exibição desse documento, podemos promover que os alunos façam o mesmo, podendo estabelecer comparações entre o material acima e documentos similares que os seus familiares podem possuir, onde eles poderão identificar que os irmãos Fichman e seus descendentes venderam os lotes para pessoas que ocuparam o bairro, entre os anos de 1940 e a década de 1960 e a partir do estabelecimento algumas perguntas iniciais.

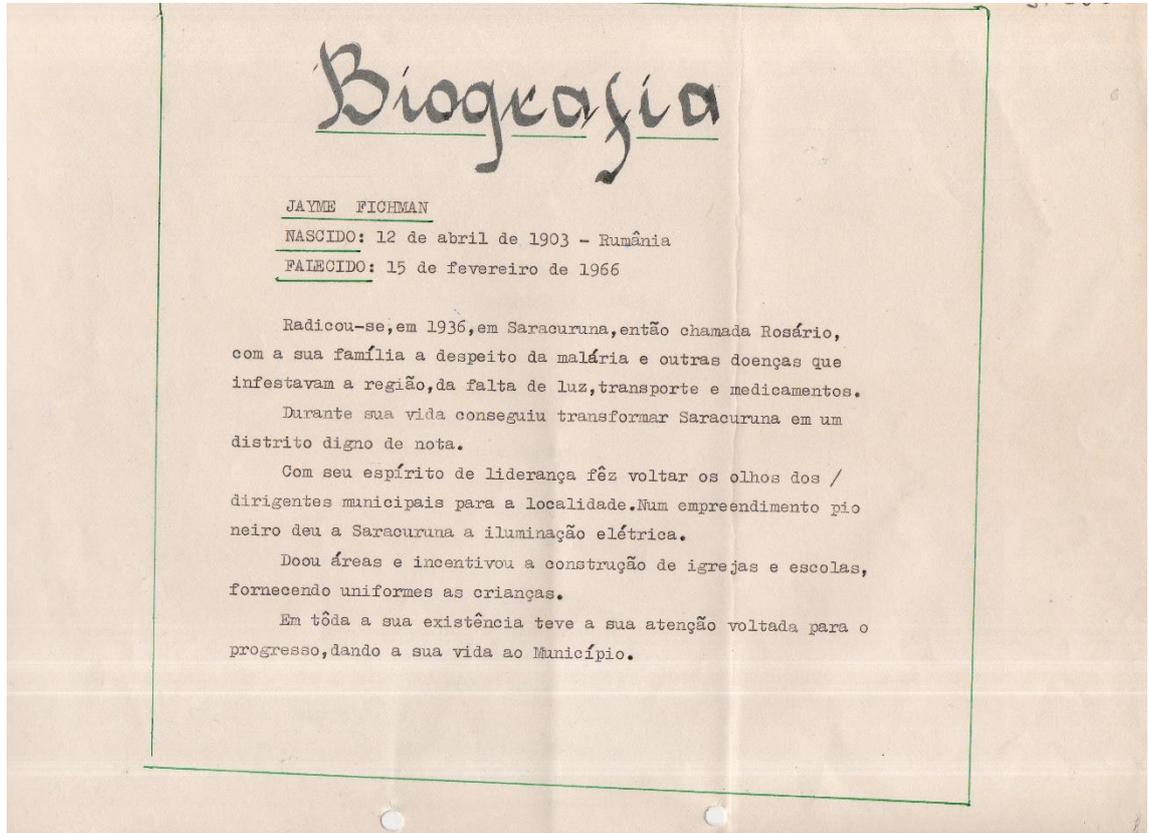
PRESENTE	PASSADO	INFLUÊNCIA DO PASSADO NO PRESENTE
<p>Como podemos entender o processo de ocupação imobiliária do bairro de Saracuruna atualmente?</p>	<p>Como se desenvolveu o processo de ocupação imobiliária no passado? Que personagens estavam envolvidos nesse processo? Como eles eram vistos pela população local? Podemos encontrar o nome dessas pessoas em outros documentos de compra e venda de lotes na localidade? Os moradores guardam documentos referentes a aquisição desses terrenos? Em caso negativo, por quais motivos as pessoas não possuem esses documentos?</p>	<p>Podemos identificar distinções e semelhanças no processo de compra e venda de terrenos no bairro?</p>

Fonte: Cf. HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999, p.18.

Tais questões de investigação podem servir para verificar o processo contínuo de ocupação do bairro de Saracuruna, cabendo ao professor intervir no processo instigando os estudantes a buscar trabalhar com as diversas memórias desse

processo de ocupação imobiliária do bairro e a produção de várias narrativas a partir da fonte abaixo.

Figura 23 - A biografia de Jayme Fichman



Fonte: Documento cedido pelo CEPEMHED - Duque de Caxias em 28/03/2022.

PRESENTE	PASSADO	INFLUÊNCIA DO PASSADO NO PRESENTE
Como podemos entender o olhar da maior parte da população de Saracuruna sobre Jayme Fichman nos dias de hoje?	Como podemos entender o processo de atuação de Jayme Fichman e do seu irmão José Fichman no processo de ocupação do bairro de Saracuruna, tendo como fontes documentos e depoimentos a respeito.	Podemos identificar narrativas distintas a respeito da atuação dos irmãos Fichman a respeito de sua atuação no passado da localidade?

Fonte: Cf. HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999, p.18.

O documento a respeito de Jayme Fichman e o quadro de perguntas feitas acima é um desdobramento da fonte anterior, ou seja, do documento de compra e

venda do terreno onde meus pais residem e que pode ser problematizada junto aos estudantes. Podemos começar pela atuação da família Fichman nas décadas de 1940, 1950 e 1960, chegando aos tempos atuais, onde muitos terrenos não possuem qualquer comprovação oficial de compra por parte dos seus proprietários.

A potencialidade das fontes como o documento de compra do terreno e mesmo sobre a atuação de personagens, dentre eles, Jayme Fichman está centrada no estabelecimento de um roteiro de investigação a respeito da questão da ocupação imobiliária no bairro e que pode vir a ser desdobrada como, por exemplo, trabalhos acadêmicos, documentos registrados em cartório de compra dos lotes acima mencionados, para comprovar a importância da família Fichman na ocupação imobiliária da região de Saracuruna.

Podemos verificar com as fontes citadas e outras a serem desdobradas em temporalidades distintas, similaridades entre a ocupação do bairro de Saracuruna com outros pontos do Rio de Janeiro e do Brasil.

Também podemos estudar através das questões de investigação das fontes acima, a questão da migração dos nordestinos para o Rio de Janeiro e São Paulo e o seu estabelecimento nas regiões metropolitanas dessas cidades, em um movimento do local para um espectro nacional e também em um movimento interdisciplinar de como o espaço geográfico foi sendo transformado pela ação humana.

## **CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS NO ROTEIRO**

De acordo com os objetivos propostos na construção do roteiro investigativo sobre o bairro de Saracuruna, a meta é a de que os estudantes discutam na apresentação a relação entre as fontes históricas com a ação de diversos atores sociais no desenvolvimento da trajetória da sua comunidade.

É relevante perceber se os alunos conseguiram ter sucesso na construção de uma narrativa histórica mobilizada pela memória e se conseguiram mesclar os conhecimentos adquiridos nos diferentes roteiros realizados em seu relacionamento com a família e a comunidade. Qual a imagem que eles possuíam antes da aplicação do roteiro de investigação em relação ao bairro de Saracuruna e a que passaram a ter depois das atividades aplicadas com a problematização das fontes encontradas? Houve uma mudança de perspectiva?

É importante mensurar a capacidade de percepção dos alunos a respeito das mudanças e permanências na história da localidade ao longo do período histórico. O que mudou? Quais seriam as novas atividades econômicas e culturais? Houve alterações nos meios de transporte? O que permaneceu igual? As relações entre as pessoas da comunidade. Os avanços tecnológicos foram percebidos por eles, como instrumento de aceleração de mudanças na localidade? Sim ou Não? De que forma?

Além da avaliação ampla com os questionamentos acima, também deve ser alvo de preocupação do professor, a mobilização dos estudantes com as tarefas, a forma como se organizaram para as atividades em grupo e a criatividade na organização, desenvolvimento e construção do trabalho.

Enfim, com base nos variados roteiros descritos acima, podemos desenvolver um material com novas narrativas produzidas a partir das apropriações feitas pelos estudantes, na forma da elaboração de exposições, um blog sobre o bairro de Saracuruna e outras opções, mas tendo como objetivo central de que tal material sirva de referência, para outras experiências pedagógicas que envolvam o ensino da História Local em um movimento de interatividade com redes sociais diversas, dentre elas o Instagram.

## CONCLUSÕES

O Mestrado Profissional em Ensino de História foi relevante, na medida em que as abordagens feitas pelos professores durante as disciplinas cursadas, me fizeram rever a minha prática docente.

A realização das aulas virtuais (o curso em sua plenitude foi feito a distância) representou algo complexo e que gerou dificuldades de adaptação em seu início, mas que foram superadas pela colaboração dos professores e solidariedade entre os alunos.

Durante as aulas online, travamos contato com as ideias, anseios e angústias de professores em diversos Estados do Brasil, o que representou um rico manancial de experiências que potencializam mudanças que podemos fazer em nossa ação docente.

Não é simples dar término a um trabalho da dimensão de uma Dissertação de Mestrado, ainda mais pelo fato de que ainda faltou algo que considero como essencial, que foi a oportunidade de avançar mais com a parte empírica ou prática do roteiro proposto, onde a pandemia exerceu um papel decisivo.

A pandemia me privou do contato físico com os estudantes, uma realidade que somente foi retomada de forma plena, no final do ano de 2021.

A angústia com a perda de conhecidos, inclusive colegas de trabalho com a doença, representou por vezes um entrave ao desenvolvimento das atividades relacionadas ao curso e com a escrita do texto, com dias em que simplesmente “paralisava”, tendo que superar os meus limites para fazer a retomada e seguir adiante.

Outro ponto que dificultou a escrita da dissertação foi o fechamento das instituições onde poderia buscar fontes diversas de pesquisa durante a pandemia, um problema de difícil resolução, ainda mais com a carência de fontes a respeito da Baixada Fluminense, em especial, de Saracuruna e também as exigências burocráticas de instituições, dentre elas, a Supervia que tem mostrado morosidade para responder as minhas solicitações para uma visita guiada ao pátio e o restante do espaço da Estação Ferroviária de Saracuruna com os estudantes, um problema que estou tentando solucionar.

Para minimizar esses problemas, recorri ao auxílio de pesquisadores locais e instituições com o Museu Vivo de São Bento, o que propiciou o acesso a elementos importantes para a construção da dissertação.

Os roteiros acabaram limitados por questões de ausência de fontes ou mesmo pelo fato de não ter como ir a alguns locais, como por exemplo, as ruínas da Fazenda do Mosquito, um importante vestígio a ser apropriado para buscar explicações a respeito do presente da localidade, inclusive para buscar explicar a transição do rural para o urbano em Saracuruna.

Por questões de segurança pública associadas à questão da criminalidade no bairro de Saracuruna, em especial, no sub bairro do Cangulo e Ana Clara, tal visita colocaria em risco a minha segurança e dos estudantes.

O início do ano letivo de 2022, com algumas mudanças nas turmas em que leciono e a difícil adaptação por parte dos estudantes ao ritmo de estudos após a pandemia, coincidiu com a reta final para a conclusão desse trabalho e a limitação imposta pela burocracia de instituições como a Supervia, atrapalhou a aplicação prática de uma parte relevante dos roteiros com os alunos e por isso a dissertação está limitada a um roteiro a ser aplicado e desenvolvido sem os resultados que espero ter.

Como uma etapa preliminar, realizamos no CIEP 318 (PAULO MENDES CAMPOS), uma exposição com fotos da década de 1970 da localidade de Saracuruna com a finalidade de despertar a curiosidade ativa dos estudantes.

Realizei nas turmas em que leciono, uma narrativa com base em minha experiência como morador da localidade o que suscitou nos estudantes, questionamentos sobre o que teria mudado ou permanecido no espaço local e uma nova visão sobre a localidade onde moram.

As perguntas feitas pelos estudantes a respeito de locais, como a Estação Ferroviária de Saracuruna e a Capela de Nossa Senhora do Rosário, foram decisivas para a elaboração do roteiro, de forma a criar o movimento de aproximação necessário entre professor e estudantes, elemento que entendo como essencial na prática docente.

A experiência pedagógica planejada pretende aprofundar tais questionamentos, conferindo um sentido diferente ao ensino de História, com vistas ao estabelecimento de uma perspectiva democrática e inclusiva no ensino não apenas da disciplina de História como de outras disciplinas.

Nos dias atuais, a aplicação de tal proposta, representa uma alternativa de resistência aos duros golpes que os professores vêm sofrendo com a ameaça de cerceamento a prática docente, com a tentativa de criminalização dos professores através de movimentos como o “Escola Sem Partido”, que possui a finalidade de castrar um ensino que desperte os estudantes, em especial, os das classes desfavorecidas de sua condição como atores sociais, capazes de modificar a realidade onde está inserido.

Nessa arena de disputas em que o trabalho docente se encontra, o roteiro investigativo desenvolvido nessa dissertação, me inspirou a continuar a fazer a reflexões a respeito da História Local e de como ela serve como uma potente ferramenta é relevante para o ensino em um jogo de escalas a integrando ao currículo proposto pelos órgãos de educação e partilhando tais reflexões com os estudantes no espaço escolar.

Por fim, espero que adissertação desperte nos professores que venham a fazer a sua leitura, a pensar diversas estratégias tendo como fonte, a História Local e que sejam estabelecidas relações de parceria entre professores e alunos como sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcelo. **História local e ensino de História: interrogação da memória e pesquisa como princípio educativo**. IN: MONTEIRO, Ana Maria F.C. et alii. Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História. Rio de Janeiro: MauadX Editora, 2017. (59-79)
- ALBUQUERQUE, Muniz Durval. **Regimes de Historicidade: Como se alimentar de Narrativas Temporais Através do Ensino de História**. Texto Integrante do livro: Narrativas do Rio de Janeiro nas Aulas de História. Editora Mauad. Orgs: Ana Maria Monteiro, Carmem Teresa Gabriel e Marcus Leonardo Bonfim Martins.
- ALMEIDA, Tania Maria da Silva Amaro de. **Olhares sobre uma cidade refletida: memória e representações de Santos Lemos sobre Duque de Caxias (1950-1980)**. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Humanas) - Universidade do Grande RIO, Duque de Caxias-RJ, p.146, 2012.
- ALMEIDA, T, M; BRAZ, A, A. **De Merity a Duque de Caxias: encontro com a história da cidade**. Duque de Caxias, APPH- Clio, 2010.
- ANTUNES, Correa Rodrigo. **Memórias e Histórias do Ciep 228 Brizolão Darcy Vargas, uma construção coletiva**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - PROFHISTÓRIA-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 131, 2018.
- ARAÚJO, Barbosa Vanessa de. **A Leitura da Cidade e o Desenvolvimento da Consciência da Cidade**. MIRANDA, S. R.; SIMAN, Lana Mara Castro (Org.). Cidade, Memória e Educação. 1. ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 2013. v. 1. 424p
- BATISTA, J, A. **Saracuruna, a história da ocupação**. Pilares da História, Duque de Caxias: n. 11, p. 80-89. 2011.
- BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar: 1810-1970**. Autêntica: Belo Horizonte, MG, 2004. p. 60-61 e 164-168.
- CARVALHO, Fábio de Jesus. **Metrô-Linha 2. História local, memória escolar e educação patrimonial em uma escola do subúrbio carioca**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – PROFHISTÓRIA- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. 109f. 2018.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CHAGAS, Mário. **Memória política e política de memória**. In: ABREU, Regina; \_\_\_\_\_. (Orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 136-16.
- COSTA, Géron Eduardo da. **A Cidade e o ensino de História: patrimônio, museu e história local**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) –

PROFHISTÓRIA- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 146 f. 2016.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Um lugar na escola para a história local. Ensino em Re-vista**, Uberlândia: UFU, v. 4, 43-51 jan / dez 1995. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/7809>>. Acesso em: 02/12/2020.

FONSECA, Selva Guimarães. **História oral e vida de professores. A construção das histórias**. In: Ser professor no Brasil: história oral de vida. Campinas – SP: Papirus, 1997. p. 21-56.

FORQUIN, J. Claude. **Escola e Cultura: a sociologia do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOMES, Marta Taets. **Patrimônios de Duque de Caxias: história e memória no Museu Vivo do São Bento**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - PROFHISTÓRIA – Faculdade de Formação de Professores (FFP) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo-RJ, p. 97, 2016.

GONÇALVES, Maria de Almeida. **História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância**. In: MONTEIRO, Ana Maria. Et all (org.) **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2007. 175-185.

GOUBERT. Pierre. **História Local**. Trad. Maria M. Lago. In Revista Arrabaldes, nº1, maio/agosto, 1988.

GOODSON, Ivor F. **Ensino, currículo, narrativa e o futuro social**. Revista Brasileira de Educação, v. 12 n. 35 maio/ago, pp.241-252, 2007.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Escrita da História e Ensino de História: Tensões e Paradoxos**. ROCHA.H. et. Al. (Orgs.) A Escrita da História Escolar. Memória e Historiografia. Rio de Janeiro. FGV. 2009.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **História, memória patrimônio**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, N. 34, Pag 91-111. 2012. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf>

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte, Ed: Autêntica, 2015.

LEGARDEZ, Alain. **Enseigner des questions socialement vives. Quelques pointes de repères**. In : \_\_\_\_\_ ; SIMONNEAUX, Laurence. L' école à l'épreuve de l' actualité :enseigner l es questions vives. Paris: ESF. Editeur, 2006.p. 19-31.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. In: Projeto História - trabalhos da memória, nº 17. São Paulo: Educ, 1998.

MATTOZZI, Ivo. **Arquivo simulado e didática da pesquisa histórica: para um sistema educacional integrado entre arquivos e escolas**. Arquivos de Valle Umbra. *Revista semestral de Arquivologia*. Bastia Umbra, 2005

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A história cativa da memória. Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais**. *Revista Inst. Est. Bra*, 34, 1992;

MIRANDA, S. R. **A Cidade como espaço limiar: sobre a experiência urbana e sua condição educativa, em caminhos de investigação**. In . MIRANDA, S. R.; SIMAN, Lana Mara Castro (Org.). *Cidade, Memória e Educação*. 1. ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 2013. v. 1. 424p

MONTEIRO, A. M. F.C.; PENNA, F. A. **Ensino de história: saberes em lugar de fronteira**. *Educação e Realidade*, v. 36, p. 191-211, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Projeto História*, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

PESAVENTO Sandra. **CIDADE, ESPAÇO E TEMPO: REFLEXÕES SOBRE A MEMÓRIA E O PATRIMÔNIO URBANO V. II, n°4. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2005.**

POLLAK Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. *Estudos Históricos*, 1989.

POLLACK, Michel. **Memória e identidade social**. In *Revista Estudos Históricos*. V 5, n° 10, 1992, p. 200-212.

PRATS Joaquin. **Ensinar História no Contexto das Ciências Sociais: princípios básicos**. *Educar*, Curitiba (Editora UFPR), Especial, p. 191-218, 2006.

REVEL, Jacques. **Jogo de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RUSEN Jorn. **Aprendizado Histórico**. In. *Jorn Rusen e o ensino de História*. Curitiba. Editora UFPR, 2010, p 41-49. \_\_\_\_\_ **Razão Histórica I**. Brasília: Editora UNB, 2001.

SCHMIDT, Maria auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **In Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004

SIMAN, Lana Mara Castro. **Entre o asfalto e a terra: a fecundidade educativa docotidiano poético da cidade**. In: AngelaDalben: Leiva Leal; Lucíola Santos. (Org.) *Coleção Didática e Prática de Ensino. Convergências e tensões no campo da formação do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010,v. V, p.5 82-599.

SIMAN, Lana Mara Castro. **Cidade: um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas.** MIRANDA, S. R.; SIMAN, Lana Mara Castro (Org.). Cidade, Memória e Educação. 1. ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 2013. v. 1. 424p.

SOUZA, de Marlúcia Santos. **Escavando o Passado da Cidade. História Política de Duque de Caxias,** Pós-Graduação em História Moderna e Contemporânea. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.